

DOIS ANOS NA RÚSSIA

Dez artigos publicados no "The World"



por EMMA GOLDMAN

introdução por J. de BORRAN,

traduzidos e editado por AURORA

revista quinzenal - Nova York - 1923 -

em português por Barricada Libertária

“Durante um breve período da revolução de Outubro, os trabalhadores rurais e urbanos, soldados e marinheiros foram de verdade os donos da situação. Mas de pronto a invisível mão de ferro do bolchevismo começou a manejar os assuntos do Estado e separou a revolução do povo; e o povo se separou da Revolução. Daquele momento começou o Estado Bolchevique.

Os Bolcheviques formaram a Ordem dos Jesuítas de Marx. Não quero dizer com isto que os bolcheviques não sejam sinceros. Foi seu marxismo que determinou sua atuação. Os diversos métodos empregados destruíram a realização de seu fim. Comunismo, Socialismo, Liberdade, Igualdade, por tudo o que o povo russo suportou de sofrimento e fez a revolução caíram no descrédito pelos meios empregados, pela jesuitística desculpa de que o fim justifica os meios.

O cinismo mais desenfreado tomou o lugar do Idealismo que distinguiu a revolução de Outubro. A inspiração caiu paralisada, o interesse popular desapareceu; a apatia e a indiferença suprimiram o entusiasmo e a energia criadora. Não foi nem a intervenção, nem o bloqueio. Pelo contrário: a política interna do Estado Bolchevique é a única responsável do fracasso da revolução e a única responsável também do ódio que o povo russo sente por tudo o que ela emana.”

Emma Goldman



Dois anos na Rússia

Dez artigos publicados em The World

Emma Goldman

Barricada Libertária
2012

ANARQUIA!

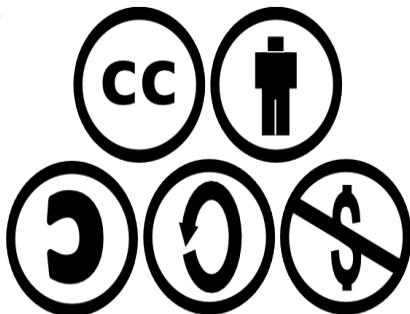
BARRICADA LIBERTARIA

**Edição original:
Dos años en Rusia
Diez articulos publicados em The World
Aurora**

**Tradução e diagramação:
Barricada Libertária
Campinas, 2012**

<http://anarkio.net>
[https://sites.google.com/site/barriliber/
lobo@riseup.net](https://sites.google.com/site/barriliber/lobo@riseup.net)

**CP: 5005 – CEP 13036-970
Campinas/SP**



Axs companheirxs

Depois de muitos trabalhos e esforço, conseguimos editar esse folheto. Uma vez que é tão extenso (ao menos para nosso pobres recursos), nos foi completamente impossível trazê-lo a luz em menos de um ano, como foi o nosso desejo, ou seja, pouco depois que esse material surgir no periódico “The World”.

Mas, não obstante, depois de muitas lutas e contratempos, hoje sai. Sai conforme PODEMOS FAZER, e não conforme queríamos que fosse. Aqueles que nos ajudaram, também oferecemos esse modesto trabalho, esperando que saibam recebê-lo e estudá-lo com espírito sereno, já que é o afã de dar a conhecer o que nos tem guiado na tradução ao espanhol¹ e editá-lo nessas sessenta e poucos páginas.

O erros que tenha, é nossa culpa. E se algum ocorrer que não fosse nosso, que nos culpe também, já que a companheira Emma estava demasiada ocupada quando escreveu, e não pode corrigir os erros de formatação e gramática, isso se houver algum.

E assim, com seus erros e suas virtudes, o entregamos aos camaradas. Que cada um leia e analise; que cada um estude e compare. Nos temos estudado e lido por nossa parte e esperamos que esse nosso trabalho contribua ao esclarecimento de algumas coisas dentro do movimento anarquista.

*Fraternalmente,
O GRUPO EDITOR*

1 Que é a base dessa tradução para o português. NT

Como introdução

Todas as épocas tiveram seus ideais, para aqueles que tem lutado; suas mentiras, ante as quais tem sucumbido; uns tantos sonhadores; alguns verdugos e muitas vítimas.

Isto tem sido até hoje a história da humanidade, uma história que se tem repetido durante a sucessão de séculos, **que sempre é velha e que todos os dias é nova:** uma história de dores, de esperanças e de equívocos. Um grande ideal ... muito sangue derramado e ... começar de novo.

Assim fomos ... e assim temos progredido. O progresso social se tem feito apesar de tudo, **talvez por cima de tudo.** É verdade que hoje existem escravos como existiam a dois mil anos; mas se compararmos um escravo de hoje com um escravo de ontem encontramos **dois escravos diferentes.**

E é que as mentiras das diferentes épocas, e com as mentiras, os mantenedores delas, não tem podido ser o suficiente fortes para deter essa força inata que vive em todos os seres, obrigando a planta a expandir-se e ao homem progredir e que puderam chamar de **a paixão pela liberdade.**

Tergiversando conceitos e desviando caminhos, as mentiras das diferentes épocas lograram burlar as demandas dos insatisfeitos, retardando o advento do que alguns hoje desejam, do que sempre tem desejado. Contudo, vemos nessas épocas atuais, todo o seu trabalho só fez **adiar.** Derrubadas sucessivamente todas as instituições que um dia se apresentaram como ideais definidos na ânsia de melhoras dos homens, e que por um momento lograram cobrir de aparências, hoje encontramos de novo no princípio, com todos os problemas sem resolver, é verdade, todavia com grande experiência que nos capacita para levar a cabo o que a ignorância de nossos anciãos os impediu de realizar.

Seguros do que queremos, e, portanto, com conhecimento do que não queremos, já somente nos falta concretizar **a forma de levá-lo a cabo.** Nisso é que nos tergiversamos. Os sofrimentos de nossos avós nos mostraram com claridade definitiva que somente por meio da **liberdade em todos os sentidos da vida** era possível a harmonia dos homens e o progresso da espécie. E esses mesmos sofrimentos nos mostraram também que essa liberdade tem que ser conquistada por meio de esforço próprio e que cada um dos homens tem o dever de levá-lo ao mais alto grau de

perfeição e amplitude. Mas o que as lutas e as penas de nossos anciões não lograram concretizar definitivamente é a maneira de levá-la a cabo. Hoje já não há disparidades entre os fins, como antanho; **hoje é só uma questão de forma**. Contudo essa forma extravia as mentes, coloca ódio nos corações, desvia os caminhos e nos impede de chegar ao fim tanto tempo desejado, uma meta que tanto sangue custou para gerações passadas.

Os acordos também são só uma questão de forma que nos separa, cada um tenta justificar suas ações, acusando o outro, para evitar uma aproximação, e tentar chegar ao fim por um caminho equivocado.

Quem entre nós estará no certo? A quem pertencerá o triunfo definitivo?

Nós não somos profetas nem queremos definir como bases conclusivas nossa visão do porvir. Acreditamos sinceramente que o porvir está cheio de surpresas mesmo para as mentes mais detalhadoras e com mais capacidade de análise do desenvolvimento lógico dos homens e das coisas. O único que sabemos, e que o sabemos com positiva certeza, é que o porvir pertence aos que mais se separarem do passado e mais longe visualizam. Considerando que o homem de hoje é completamente diferente do homem do passado, defendemos que o homem do amanhã terá de ser diferente do homem de hoje e que terá outros gostos e outras necessidades. Partindo desse ponto de vista, acreditamos que o porvir há de pertencer aos que mais amplitude ofereçam ao desenvolvimento deste novo ser e que com visões mais claras da vida e do progresso, saibam moldar-se melhor ao avanço dos tempos. O passado, e todos os que ao passado olham, ficaram para trás. E os que foram donos do tempo por saber aproveitar da vantagem momentânea que muitas vezes a ignorância dos povos oferecem, serão derrubados por essa onda gigantesca, que nos chamamos **A Paixão pela Liberdade**; e aqueles outros, cujos os ideais eram mais grandes que a estultícia de suas épocas e a quem um dia foi encarcerado por dementes e transtornados, terão a suprema felicidade de ver realizado o que se considerou **impossível**, saboreando a íntima satisfação de ver como o pobre goza de seu pão e o sábio de sua loucura.

Acima de tudo e a despeito de tudo, a Liberdade abrirá seu próprio caminho.

Entre todos os sofismas com que a sagacidade dos patifes do passado e

os menos patifes do presente trataram de desviar as correntes revolucionárias de todos os tempos, nenhum é mais absurdo do que o sofisma da DEMOCRACIA.

A Democracia! E o que é a Democracia?

A Democracia foi e segue sendo a mentira mais absurda de todas as épocas.

Os gregos nos falam da Democracia com uma instituição sagrada, mas mantinham a escravidão; César cruzou o Rubicão em nome dela; em nome da Democracia os cristãos anatematizaram os pagãos e Napoleão assolou a Europa e restaurou a escravidão nas Antilhas. Com seu manto encobriu-se os crimes mais horrorosos; atrás do escudo de seu nome se esconderam todos os déspotas, e a seu chamado de guerra se derramou o sangue de todos os povos. Mais engrandecida de que todos os reis; divinizada mais que todos os deuses, ela criou deuses e impôs reis; aniquilou impérios e levantou povos, povos que depois foram rebanhos, rebanhos que sucumbiram finalmente no matadouro da Democracia. Essa última guerra, a guerra mais assoladora que recorda a humanidade, foi feita em nome da Democracia, e em seu nome também estouraram centenas de revoluções; e para cumprir os altos fins da Democracia é que se tem surgido a vida nosso inflamado Bolchevismo.

A Democracia! E o que é Democracia?

A Democracia é o governo do Povo soberano – nos dizem.

E nós, atônitos de que o século XX depois de tantas experiências alguém ainda pretenda nos enganar com as mesmas mentiras de três mil anos, perguntamos:

Contudo, acaso é o povo que pode governar?

Chame-se o dirigente sultão, imperador, rei, presidente, comissário; seja por direito divino ou por graça da Constituição, quem governa tem que ser UM, ou quando muito, VÁRIOS, que completam as ideias desse UM.

O governo do povo é somente uma palavra... O povo, não importa que é o povo, jamais poderá governar por si mesmo, nem mesmo sequer marcar pauta para o governo, não importa tão pouco qual forma de governo. E o governo, não importa qual forma de governo, tem forçosamente que legislar para o povo e fazer pela força que o povo respeite e cumpra as leis que o governo imponha. Qualquer outra forma de governo deixaria de ser

governo; e qualquer outra forma de povo não seria povo, e portanto, não necessitaria nem admitiria governo. Enquanto o governo exista, e não importa que forma de governo seja, não poderá existir outra alternativa: **uns que mandam e outros que obedecem**. E enquanto houver quem tenha direito de mandar a palavra Democracia não terá passado de ser uma **palavra**; isto é: uma das tantas mentiras sociais com as que se tergiversam os caminhos do fim ideal e se engana as multidões.

E aqui entramos em cheio no objetivo deste trabalho: O bolchevismo é o moderno campeão da democracia, o que se diz representante das aspirações da humanidade e afirma estar em posse do verdadeiro caminho para chegar ao fim.

Deixando de lado as revisões e contradições que o bolchevismo tem feito na Rússia, assim como todos os crimes cometidos, e focamos nossa análise do princípio em si, encontramos que o bolchevismo não só não é um ideal, mas que também está incapacitado de levar a cabo qualquer das Ideias, como dos Ideais que se tem nos dias presentes. O Bolchevismo, além de não bastar-se a si, é um amálgama de diferentes valores que se repudiam e que jamais poderão chegar em uma conclusão. Sendo o que mais graficamente poderemos chamar de **uma ponte**, quanto mais rápido desapareça, mais rápido terá cumprido sua missão. E se não desaparece, se seguindo as leis da natureza que mostram que tudo que nasce tende a conservar-se e aumentar seu poder; se como é o mais lógico e natural forma sua estrutura própria e trata de impor-se, proclamando direito a vida, não somente é uma ponte que não conduz a nenhuma parte, e sim uma barreira que impossibilita o avanço do progresso e um abismo que enterrará as energias de várias gerações. Isto é: de ocorre dessa maneira, como é lógico que ocorra e a experiência nos mostra, o Bolchevismo terá passado a ser uma **Mentira Social** mais desastrosa de todos os tempos e o crime mais imperdoável de todos os séculos.

Neste sentido, ainda é cedo e não podemos fazer conclusões. Poderá ocorrer que o Bolchevismo rompa com todos os precedentes da História; que seguirá sua trajetória gradual para seu desaparecimento, deixando o espaço livre para o verdadeiro conceito de liberdade. Mas nos parece muito improvável isso, já que após seis anos de existência, todos os métodos adotados por todas as outras mentiras sociais precedentes nele existem, e

torna um dever ineludível para todos os homens do progresso prevenir-se contra suas artimanhas, e expor a opinião universal revolucionária as contradições em que caíram, os passos falsos tem dado, os erros e crimes sem precedentes perpetrados pelo seu regime de terror, e as tendências conservadoras com que cada dia pretende afiançar seu poder e acercar-se do regime capitalista.

E nesta nossa obra de **exposição** devemos ser tão inclementes quanto as circunstâncias o exijam. O compromisso do partido é uma conveniência pessoal que não é compatível conosco.

Quando os princípios declinam e se trata de suplantar com aparências o que tanto trabalho e tanto sangue nos custou construir, duvidar seria uma traição. Por cima de todas as conveniências momentâneas temos que colocar nossas finalidades ideais, se queremos fazer a obra perdurar. No mais, seria uma negação de nosso passado, e uma renúncia do porvir. Tenhamos em conta que o Partido Bolchevique tem retardado a abolição do Estado e da propriedade privada uns cinquenta anos, e que se continuarmos nessa silenciosa transigência, para não dar armas a burguesia universal contra a Rússia, a Rússia se apoderará do movimento revolucionário, trocará sua trajetória, o usará para seus fins, e depois de fazer-se forte com as energias que nós temos empregado, usará esse poder para exterminar-nos e impedir que nossa finalidade ideal de **Não Estado** destrua o Estado Bolchevique.

Deste ponto de vista, e como o trabalho de exposição é que consideramos os artigos de Emma Goldman dignos de serem lidos e comentados. Talvez não seja uma obra completa; talvez esteja repleta de muitos defeitos, digam muitos ou não o digam todos. Mas essa exposição é do que ocorre na Rússia e o perigo que assinala, e os erros que mostra, são coisas que devemos levar em conta para o presente e o futuro.

E nada deve importar-nos do que dizem da pessoa de Emma Goldman, nem dos qualificativos que tenham dado a seus trabalhos. Nos sabemos que toda pessoa que trabalha e tem uma pequena individualidade é criticada, acusada e caluniada. Se fôssemos levar a sério tudo que se diz, os melhores camaradas teriam sido espiões, e os que mais tem feito pelas Ideias

Anarquistas seriam uns traidores indignos de nossa atenção. Leiamos os artigos de Emma Goldman, analisemo-los se são certos ou não os fatos que ela descreve e contestemos com um sorriso de desprezo aos que por não ter outras armas melhores para defender-se nos dizem que ela recebeu 30.000 dólares para escrevê-los. Os que dizem isso eram os primeiros em nos desqualificar porque não estávamos de acordo com o que ocorria na Rússia e Emma Goldman, anarquista também (e uma das grandes anarquistas, segundo eles) estava na Rússia e não dizia nada. Os dictérios que hoje lançam sobre ela, nada querem dizer sobre o que ela escreveu. Se fossemos analisar as pessoas, os apóstolos da revolução Bolchevique não receberiam crédito nenhum. Leiamos os fatos, analisemos os conceitos de nosso ponto vista social e deixemos de lado as pequenas porcarias que tentam fazer para desmerecer as grandes obras e justificar todos os crimes.

Deixando de lado as dúvidas de Emma Goldman sobre o que se poderia fazer na Rússia, eu acredito que o que na Rússia tenha soado é a Ditadura. Temos que ter em conta que a obra de regeneração social não pode ser imposta pelas baionetas disciplinadas. As baionetas são boas para destruir o presente, porém não para criar o futuro. O futuro tem que ser imposto pelo melhoramento que oferece e a educação que explica. Em outras palavras: a Ditadura, toda Ditadura é boa para destruir um sistema e colocar outro em seu lugar; mas é contraproducente para educar homens que tem que reger-se, mais que por leis, pela própria consciência individual. Daí o fracasso do Partido Comunista para a obra de reconstrução.

A Ditadura, toda Ditadura, tem somente o objetivo de suprimir as vontades. Se através de suprimir fosse o caso, a Ditadura seria boa. E quanto mais vontades suprimir, a Ditadura melhor cumpre seu objetivo. Mas a Ditadura não tem o privilégio de criar ou estimular vontades. E para todo o período de reconstrução, vontades é que são necessárias. A Ditadura russa cumpriu demasiado bem sua atribuição de suprimir a vontade individual, a iniciativa criadora dos que poderiam ter contribuído com o que o novo estado de coisas necessitava, e quando essa vontade, essa iniciativa se fez necessária para resolver os novos problemas, a iniciativa, a

vontade estava morta e não pode cumprir sua função. Daí que a Ditadura tivesse que seguir impondo por meio de leis coercitivas o que só poderia ser obra da iniciativa espontânea de vontades independentes.

Nada melhor para provar o que dizemos que a própria história da revolução russa. Radical em seus princípios, trocou em alguns dias, também com alguns tantos decretos, o sistema capitalista que custou centenas de anos a se organizar; contudo, suprimida ao mesmo tempo a iniciativa e cooperação individual dos homens que conheciam as necessidades de um novo estado de coisas, e sendo inábil a Ditadura em suprir as velhas necessidades com novos modelos, tiveram novamente, por meio de tantos decretos, também alguns dias, repor o antigo modelo e dele se servir para continuar produzindo o que necessitavam para a vida cotidiana. As leis que aboliram as propriedades privadas e confiscavam fábricas de 1917 e que tanto medo causaram a burguesia global, foram leis momentâneas, não sabendo se para captar as simpatias do movimento revolucionário do mundo e receber seu apoio, ou simplesmente feitas porque a Assembleia Constituinte entendia que eram para serem feitas. O fato é que essas leis em si unicamente destruíam sem iniciar nada e nem explicar nada para o futuro. Abolir a propriedade privada na terra e dizer aos camponeses: -Aqui tens as terras para trabalhar. Não é o bastante, e muito menos quanto se diz:

-Aqui tens as terras para trabalhar e tens que dar-me uma parte do que essa terra produza.

Foi isso que foi dito aos camponeses russos em 1917, e em 1918 obrigaram-nos a entregar não uma parte, mas toda a produção que os responsáveis da coleta conseguissem colocar as mãos. Essa leis, repito, foram leis de momento, leis condenadas a serem revisadas e depositas. Por isso é que duvidamos da intenção com que foram promulgadas. Contudo se em algum momento admitirmos que fosse sinceras, encontramos nelas muito oportunismo, um oportunismo mal encoberto e pior justificado quando pouco depois se declarou o fracasso do Comunismo e se repôs a propriedade privada da terra e devolveram-se as fábricas a seus primitivos “donos”², alegando que os trabalhadores não estavam todavia capacitados

2 Uma vez que os primitivos donos são os trabalhadores que criaram a fábrica e não quem a concebeu através de uma intenção de cobiça/lucro, entendemos a necessidade

para trabalhar por conta própria. É por ventura que os camponeses receberam os meios de trabalhar livremente, oferecidos ajuda da industria? Não. Aos camponeses foi dito: “Trabalha a terra e dei-me uma parte!”. E ao mesmo tempo que se dizia isto, o governo Bolchevique se apoderava das sementes que haviam de semear, dos cavalos com que deviam arar a terra e prendiam os camponeses mais inteligentes que se negavam a dar essas sementes e esses cavalos. Tratam de desculpar esses crimes ou essa torpeza alegando que o governo necessitava dessas sementes e desses cavalos para manter o exército que pelejava na guerra civil contra os Aliados. Desculpem-se como querem e chamem de crime ou erro, não deve-se proclamar o fracasso do Comunismo porque o governo bolchevique tenha fracassado em suas leis agrárias. E é por ventura foram dadas as fábricas aos trabalhadores? Também não. Antes era um indivíduo que conhecia seu ofício e que as manejavam; depois foi um comissário, que não as conheciam, mas foi colocado a frente delas. Para os trabalhadores continuou igual. Primeiro trabalharam para um amo; depois trabalharam para o Estado, amo pior que o anterior. Se deve por isso que os trabalhadores eram incapacitados porque os diretores bolcheviques o eram?

É necessário abrevia e concluir:

O que tem ocorrido na Rússia é simples, e tão simples que não foi outra coisa que uma repetição da História! O paganismo, o cristianismo, o absolutismo, o feudalismo e todos os ismos do passado fizeram o que o Bolchevismo fez ou está fazendo. Todos eles se adaptaram ao meio para poder triunfar e abandonaram suas bases fundamentais em busca de fazerem-se acessíveis as mentalidades e costumes de suas épocas. Esse oportunismo os deu poder, e com o poder, os meios para atacar todas as concepções ideais que se opuseram a sua. Contudo como se apresenta a lei da gravidade que impele a todos os seres em encontrar seu próprio equilíbrio, o homem não encontrou dentro de todos esses sistemas, eles foram destruídos e suplantados sucessivamente, levando em seu próprio triunfo a razão de sua derrota, desaparecendo sem resolver nenhum problema que tem existido em todos os tempos e continuam existindo.

de colocar aspas nessa palavra por nossa responsabilidade.

Nesta situação é que o Bolchevismo surge a vida. Tratando de alisar as dificuldades e resolver antagonismos, se apresenta como um mediador entre interesses contraditórios de diferentes classes e trata de servir de ponte para que passem por ela todas as novas energias que caminham até o porvir. Se é ou não sincero no que diz, não sabemos, como tão pouco podemos saber se é possível que o que propaga se leve a efeito. A única coisa que sabemos por hoje é que o Bolchevismo deve desaparecer, e que quanto antes, melhor terá cumprido sua missão.

E se não desaparece, isto é: se forma seu corpo próprio e trata de resistir, como é o mais lógico, o Bolchevismo terá passado a ser a Nova Mentira Social, condenado de antemão a morte pela violência ou pelo desprezo, da mesma maneira que foram condenadas a morte todas as outras mentiras com que os oportunistas de todos os tempos trataram de desviar as correntes do progresso que conduziam ao supremo Ideal Humano: a Anarquia.

E nada importa o que hoje se diga e a força aparente que o Bolchevismo possa ter. Quando a onda de confusão e contradição tenham passado, o Bolchevismo terá passado também. Esse é o destino de todas as ideias que pretendem servir de ponte entre o passado e o futuro. O passado começa por temê-las e termina por a elas adaptar-se. O futuro começa por apoiá-las e termina por destruí-las. A lei humana é que tudo que para, pereça. E o Bolchevismo não somente se estanca, é estanque; um estanque das forças conservadoras da Revolução que eram demais radicais para formar nas filas da burguesia, mas era demais conservadoras para seguir a marcha avassaladora das ideias Anarquistas.

E através de tanto, é o dever de todo homem sincero que trabalha incansavelmente para construir um mundo de liberdade e de fraternidade, apontar o Bolchevismo com o dedo e gritar com toda energia de suas convicções:

O Bolchevismo? A Nova Mentira!...

J. DE BORRAN.

Dois Anos na Rússia

Artigo 1

O Cemitério do Pensamento. Meu silêncio de dois anos na Rússia. Calúnias da imprensa burguesa. Porque não falei antes. Dever ante da revolução.

Durante minha permanência de dois anos na Rússia, apareceram na imprensa americana vários artigos que se diziam umas tantas entrevistas de seus autores comigo. Alguns diziam que eu me havia transformado, que já não acreditava na revolução, e que me havia convencido da necessidade de um governo. Houve até diário que contou a sensacional história de uma bandeira americana posta em meu quarto, a qual eu havia levantado um altar. Em uma palavra, que havia chegado a ser professora de catecismo, me purgava arrependida de meus pecados contra o governo estadunidense.

Tudo isso, é por certo, um grande absurdo. Nunca estive mais convencida de meus ideais, e sempre tive as melhores provas da lógica e da justiça da Anarquia. Além do mais, não concedi entrevista alguma e nem e fora possível fazê-la no meu primeiro ano na Rússia. Acreditava e continuo acreditando que o problema russo é demasiado complicado e não é fácil falar dele. É por isso que me parece que os livros escritos por pessoas que estiveram na Rússia algumas semanas ou meses são superficiais.

Enquanto eu mesma tateava no escuro, jamais tornei publica uma opinião definitiva. E quando puderá fazer, jamais seria aos periodistas. Considere que era necessário manter silêncio enquanto as forças imperialistas cercavam a Rússia. E fora disso, uma experiência de trinta anos em contato com periodistas me mostrou que não são muito verdadeiros (há, é claro, exceções), e seguramente que não seria a eles que exporia minhas impressões num assunto tão delicado.

Agora, já se passou a hora do silêncio e considero necessário falar. Não me passam despercebidas as dificuldades que se apresentam. Sei que vou ser combatida pelo inimigos reacionários da revolução russa, e excomungada pelos que dizem seus amigos e persistem em confundir lastimosamente o partido Bolchevique com a Revolução. Por isso

considero necessário concluir claramente minha posição frente a ambos.

Faz quatro anos o governo dos Estados Unidos me acusou de traição, minha ousadia em entrar na clandestinidade da noite e me obrigou a sair do país.

E todo isso porque levantei minha voz contra a guerra mundial, a destruição e a ruína seguida pela perda dolorosa de vidas. Esse foi o meu crime. E desde então até hoje muitos tem-se se dado conta que tínhamos razão em não deixarmos arrastar-nos pelo furacão da guerra, já que a guerra havia sido criada e mantida por conveniências capitalistas, e aquilo de **guerra pela Democracia e guerra para acabar com a guerra** somente engodos.

A despeito do esforço de alguns, o rei-homem, com o arreganho da morte nos lábios, passeia orgulhoso pelos campos arrasados, enquanto que os que há haviam provocado, gozavam das ganâncias promovidas pela matança. E contentes com as milhões de vidas perdidas e a metade da terra devastada, encerraram o mundo em um calabouço, no qual a Liberdade dos povos, conquistada a custas de tantos sacrifícios, caía manietada sobre o capricho de despostas.

O democrata EUA, em outro tempo “Terra da Liberdade, lugar de heróis”; Inglaterra, antigo asilo dos rebeldes do mundo; França, a que proclamou os direitos do Homem, sinônimo de Liberdade, e muitos outros povos, o que são agora senão desertos espirituais, com suas portas fechadas a hospitalidade e toda iniciativa de progresso? ...

Somente os rugidos de multidões de desocupados e os gritos dos líderes trabalhadores presos, quebram o silêncio tenebroso do que poderemos chamar de o **Cemitério do Pensamento**.

Certamente, os senhores da guerra podem estar orgulhosos de sua obra. As botas de ferro esmagam os povos. O triunfo tem sido completo. Mas, sem dúvida, algo está fora disso: é a Rússia!...

Esses amigos inseparáveis – Alta Finanças e Militarismo – não haviam contado com a Revolução Russa. Como esse povo se atreveu a levantar uma conflagração que muito bem poderia ter espalhado a chama da revolução ao mundo inteiro no preciso momento em que o Militarismo e o Capital contavam com um triunfo no mundo definitivo? Algo teria que ser feito para destruir essa chama perigosa, que é a revolução russa.

Durante a guerra contra a Alemanha se afirmava hipocritamente: “Nós não combatemos o povo alemão, mas sim o Militarismo alemão”. E a mesma afirmação hipócrita se ouve em respeito da **sagrada cruzada contra a Rússia**. “ Não é contra o povo russo, mas contra os Bolcheviques. Eles instigaram a revolução e exterminados serão”.

E o avanço sobre a Rússia começou. Os intervencionistas assassinaram milhões de russos, o bloqueio fez perecer de fome e frio milhões de mulheres e crianças, e a Rússia se converteu em uma charneca de agonia e desespero. Se destruiu a revolução russa e o partido Bolchevique se fortificou no poder. Este é o resultado de quatro anos de conspiração contra a Rússia pelos imperialistas do mundo.

Como isso ocorreu?

Sensivelmente, o povo russo foi o único que fez a revolução e que estava determinado a defendê-la a todo custo, estava demasiado ocupado na frente de batalha para se defender dos inimigos que tinha dentro de casa. Enquanto os trabalhadores rurais e urbanos russos ofereciam suas vidas nas trincheiras, esse inimigo interno foi-se apoderando cautelosamente, e lentamente, mas com segurança, criou o Estado centralizado e destruiu os Sovietes Este Estado, destruidor da revolução, hoje pode muito bem ser comparado em despotismo e burocracia a qualquer grande governo do mundo.

De minhas observações de dois anos, posso dizer que se não houvesse a guerra exterior, o próprio povo russo teria dado conta mais depressa desse inimigo interno e teria destruído como fizeram com Colchak e Denikin. Livre dos ataques reacionários, o povo teria compreendido as verdadeiras tendências do Partido Bolchevique, sua inutilidade para reconstruir a Rússia e o povo trabalhador teria inoculado nova vida no corpo paralítico do país. O povo teria cometido os mesmos erros que os cometidos pelos bolcheviques? Sem dúvida que sim; mas ao menos teria aprendido a depender de si próprio, de suas forças e de suas iniciativas, que seria os únicos que poderiam salvar a revolução.

Se deve a estupidez de alguns ex-revolucionários que pediram a intervenção, e aos imperialistas que a manteve com seu dinheiro, que a revolução russa, a maior revolução da história fosse perdida. Se deve a eles também que os bolcheviques, acusados e perseguidos pelos poderes

capitalistas, continuassem a se apresentar como o simbolo sagrado da Revolução Social.

Me decidi a expor essa fatal desilusão acerca da revolução russa, não porque tenha feito paz com os governos capitalistas, mas porque desejo prevenir um mal as futuras revoluções, mostrando os erros do governo bolchevique. Mas é, foi a experiência mais do que qualquer teoria, que tem demonstrado a ineficácia dos governos, não importa o tipo que seja, e o obstáculo que são para as ações dos povos. Me decidi a expor o que tem ocorrido na Rússia não porque tenha perdido a fé na Revolução, mas porque estou convencida de que as futuras revoluções rumarão diretas para o fracasso se o que Lênin cham de “Comunismo Militarizado” se impor no mundo.

Eu considero um compromisso para mim escrever o que escrevo: um compromisso ante a revolução, cravada na cruz bolchevique; um compromisso ante o martírio do povo russo e um compromisso diante do mundo inteiro enganado. Quero cumprir esse compromisso acima das más interpretações que possam me atribuir os reacionários, das criticas de alguns radicais, ignorantes do que ocorre na Rússia.

Artigo II

As forças que destruíram a revolução.

A revolução russa, como troca social e econômica, que tratou de remover o capitalismo e estabelecer o Comunismo, deve considerar-se em falência.

Ao analisar os diferentes fatores que destruíram a revolução, não é demais apreciar o papel que desempenharam os elementos contrarrevolucionários. Ao dizer a verdade, seus crimes são o suficientemente odiosos para condená-los por toda a vida. O patriotas russos (Monárquicos, Democratas-constitucionalistas), encheram o mundo com seus clamores de **intervenção**. O que os importava se milhões de conterrâneos e milhões de trabalhadores em outros países morressem vítimas de uma guerra contra a Rússia?

Eles viviam seguros e a salvo das balas dos soldados, da prisão, da

Tcheca e da fome devastadora. Podiam, pois, jogar com o **patriotismo**. Mas deixemos isso por ser demais conhecido. O que não se sabe é que os intervencionistas russos e aliados não foram os únicos fatores do grande drama social que terminou com a morte da revolução russa. Os outros fatores foram os bolcheviques. E é acerca disso que escrevemos.

Talvez a revolução da Rússia nasceu já sentenciada. Chegando arrastada por quatro anos de guerra, que haviam aniquilado seus melhores valores e devastado suas melhores e mais ricas comarcas, é possível que a revolução não tivesse tido suficientes forças para resistir aos loucos arrebates do resto do mundo. Os bolcheviques afirmam que foi culpa do povo russo que não teve suficiente perseverança para resistir ao lento e doloroso processo de troca operado pela revolução. Eu não acredito nisso.

Aceitando que isso fosse certo, eu insisto, sem ressalvas em que não foram tanto os ataques do exterior como os insensatos e cruéis métodos que no interior estrangularam a revolução e a converteram em um jogo odioso posto no pescoço do povo russo. A política Marxista dos Bolcheviques, elogiada num princípio como indispensável a revolução para ser abandonada depois de ter introduzido o descontentamento, o antagonismo e a miséria, foram os verdadeiros fatores que destruíram o grande movimento e fizeram perder a fé do povo.

Sem dúvida nenhuma pode haver sobre o que constitui o maior perigo para revolução (ataques exteriores, revoltas internas) a experiência russa as tem dissipado todas. Os contrarrevolucionários, apoiados pelo dinheiro e o exército do Capitalismo estrangeiro, fracassaram, nem tanto pelo heroísmo do Exército Vermelho, quanto pelo entusiasmo revolucionário do próprio povo, repeliu todos os ataques. Contudo, a revolução caiu destruída. Como, então, podemos explicar esse fenômeno?

As razões principais não são difíceis de explicar. Se a Revolução tem que sobreviver apesar de todos os obstáculos é necessário que seu fogo se mantenha sempre vivo diante do povo. Em outras palavras: é necessário que a população sinta constantemente que a revolução é sua obra, que estão participando ativamente na tarefa de construir uma nova vida social.

Durante um breve período da revolução de Outubro, os trabalhadores rurais e urbanos, soldados e marinheiros foram de verdade os donos da situação. Mas de pronto a invisível mão de ferro do bolchevismo começou

a manejar os assuntos do Estado e separou a revolução do povo; e o povo se separou da Revolução. Daquele momento começou o Estado Bolchevique.

Os Bolcheviques formaram a **Ordem dos Jesuítas de Marx**. Não quero dizer com isto que os bolcheviques não sejam sinceros. Foi seu marxismo que determinou sua atuação. Os diversos métodos empregados destruíram a realização de seu fim. Comunismo, Socialismo, Liberdade, Igualdade, por tudo o que o povo russo suportou de sofrimento e fez a revolução caíram no descrédito pelos meios empregados, pela jesuitística desculpa de que **o fim justifica os meios**.

O cinismo mais desenfreado tomou o lugar do Idealismo que distinguiu a revolução de Outubro. A inspiração caiu paralisada, o interesse popular desapareceu; a apatia e a indiferença suprimiram o entusiasmo e a energia criadora. Não foi nem a intervenção, nem o bloqueio. Pelo contrário: a política interna do Estado Bolchevique é a única responsável do fracasso da revolução e a única responsável também do ódio que o povo russo sente por tudo o que ela emana.

“Para que servem as trocas? - Perguntam os camponeses -. Todas as leis iguais: o povo deve sofrer”.

Foi esse fatalismo, afirmado por centúrias de submissão, que vestiu o povo com a indiferença de sua própria obra e a sua resistência passiva contra o Bolchevismo. Aprenderam agora os Comunistas que nem sempre **o fim justifica os meios?**

É bem verdade que Lênin se arrepende um pouco. Em cada novo Congresso traz um novo **mea culpa** e em cada nova assembleia apresenta seu **“eu tenho pecado”**. Um jovem comunista me diz um dia:

“Não me estranharia que a qualquer dia destes, Lênin afirme que a Revolução de Outubro foi um erro”.

Verdadeiramente, Lênin reconhece seus erros, o que não implica que continue com a mesma política. Cada novo experimento que se trata de impor ao povo é proclamado por Lênin e seus sequazes como a panaceia derradeira que trará paz e a prosperidade a Rússia, e aí de quem contradizê-los! Este será um **contrarrevolucionário, um traidor, e como tal, será encarcerado**.

Depois de ter enganado a Rússia e ao mundo inteiro dizendo que a

estrutura social na Rússia era o Comunismo, agora Lênin vêm salientando no último Congresso Pan-Russo que era um erro tal crença, que na Rússia não existia o Comunismo. Por dizer tal coisa, há milhares de camaradas nas prisões, e nas prisões continuam apesar de Lênin reconhecer que esses camaradas afirmavam e por isso foram sentenciados

Interessante seria explicar os diferentes métodos empregados pelos Bolcheviques em seu intento de enganar o povo; mas não é objeto desse artigo enumerá-los em detalhes. Me concentrarei simplesmente a expor os principais:

A paz de Brest-Litvosk marcou o começo de todas as posteriores calamidades. Foi a negação deliberada de tudo o que os bolcheviques tinham proclamado: paz sem indenização; livre determinação de todos os povos; abolição da diplomacia secreta. Sem ressalvas, eles compactuaram com tudo isso como se fossem um governo burguês qualquer.

O preço desta paz foi a traição a Latavia, Finlândia, Ucrânia e Bielo-Rússia, ou a Rússia Branca, e como resultado, vários anos de guerra civil, a desagregação das forças revolucionárias e o começo do terror vermelho, que continua ainda.

Os camponeses da Ucrânia souberam expulsar o invasor alemão, e souberam também não ouvir as perfídias bolcheviques. A presença constante de um milhão de soldados para limpar a Ucrânia dos bandidos, testemunha o carinho dos camponeses da Ucrânia com o Estado Bolchevique. A ratificação do tratado de paz que Trotsky se negou a firmar, que Radek (então em uma prisão alemã) declarou com a falência da revolução, foi o sinal de uma larga resistência secreta dos camponeses contra o Estado.

Os camponeses que estiveram unidos aos trabalhadores urbanos até a traição de Brest, se separaram deles e do partido comunista, que dizia representar os camponeses e trabalhadores urbanos. Lênin exigiu a ratificação como uma aspiração e um meio de afirmar a revolução. Foi um dos seus erros; mas o mais grave foi que estrangulou a revolução.

A Colheita Forçada

O maior erro do Bolchevismo. Os crimes da Tcheca

A Razvyorstka, o sistema de colheita forçada de comestíveis, seguiu na sequência a Paz de Brest. Os Bolcheviques dizem que foram obrigados a apelar a esse meio devido aos camponeses terem se negado a abastecer as cidades. Isso é verdade só em parte. Os camponeses de fato se negaram a entregar seus produtos aos agentes do governo... Eles exigiam tratar diretamente com os trabalhadores urbanos, mas isso foi negado pelos agentes do governo. A ineficiência do regime bolchevique e a corrupção de sua burocracia contribuíram muito para o desgosto da população rural. Os fabricantes prometeram aos camponeses a troca de seus produtos, mas esses não chegavam e quando chegavam, estavam em más condições e a menos do que se combinará.

Em Kharloff, demonstrou a ineficiência da maquinaria burocrática centralizada. No armazém de uma fábrica descansavam fardos de maquinaria agrícola. Era uma ordem recebida de Moscou que devia ser executada no término de “duas semanas, sobre pena de sabotagem”. Isso foi feito no dito tempo e havia se passado mais 6 meses sem que as autoridades “centrais” fizessem algum esforço para distribuir esse equipamento aos camponeses, que reclamavam por elas. Esse foi um dos inumeráveis exemplos da maneira em que “trabalhava” o sistema de Moscou, ou melhor, como não trabalhava.

É de estranhar, pois que os camponeses tenham perdido toda a fé sobre a habilidade do estado bolchevique de gerir as coisas como se devia? Quando os Bolcheviques se deram conta que os camponeses não admitiam mais enganações e adulações para impor a confiança, foi quando inventaram a Razvyorstka. Um sistema melhor de antagonizar e amargar os camponeses, não poderia ter sido inventado. Este chegou a ser o terror da população agrária. Os roubou tudo que tinham. Só o futuro poderá dar uma descrição adequada das terríveis consequências de medidas tão loucas, com seu grande sacrifício de vidas e destruição.

Parecerá impossível, mas é um fato bem conhecido na Rússia de que o Sistema Razvyorstka, foi responsável em parte pela fome presente. Pois os camponeses não foram só despojados da última porção de farinha, mas também foram roubaram as sementes guardadas para próxima semeadura. Consequentemente que a escassez é causa principal dessa horripilante

situação, que vemos nos distritos do Volga. É sem ressalva o fato, de que os camponeses pudessem ter semeado livremente no tempo certo, amenizariam a fome no Volga. A expedição punitiva que se seguiu a resistência de uma aldeia contra os coletores de alimentos do Governo e sempre a cargo dos Comunistas, foram sempre ataques com armas e os destruíam. Em vão protestavam os camponeses as autoridades locais e finalmente as de Moscou. Não lhes deram satisfação nenhuma. Uma anedota significativa circula na Rússia e expõe bem o ponto de vista dos camponeses frente ao sistema de colheita forçada de alimentos Bolcheviques. Um comitê camponês foi recebido por Lênin “Ola, dedushka!” (vozinho), diz Lênin ao mais velho dos camponeses: “Já deve estar satisfeito, tens terras, o gado, as galinhas, já tem tudo!”.

“Sim! – replicou o velho – sim, paizinho, o terreno é meu, mas o pão, tu o levas; a vaca é minha, mas tu levas o leite; as galinhas me pertencem, mas os ovos são teus. Deus te abençoa, paizinho!”

Os camponeses assim são enganados e roubados, se rebelaram contra os Comunistas. A Razvyorstka, a expedição castigadora, os métodos brutais e injustiças, resultaram em um forte sentimento contrarrevolucionário em todo o país. Alguns escritores escreveram sobre a Rússia tem aceitado a interpretação do Governo sobre o antagonismo dos camponeses.

O Sr. Bertrand Russel, o mais sincero e honrado crítico que escreveu sobre a Rússia, disse na “A prática e teoria do Bolchevismo”: “Devo dizer que as razões dos camponeses para não gostarem dos Bolcheviques são muito inadequadas”. É evidente que o sr. Russell não tenha visto os feitos da Razvyorstka, do contrário teria uma opinião muito diferente.

A pura verdade, que se os camponeses russos fossem tão apáticos e passivos, o Estado Bolchevique não teria durado tanto tempo. Ainda assim, sua passiva resistência veio quase terminar com o regime Bolchevique. Foi isto e não o fato de que a Razvyorstka foi inumana, o que forçou Lênin o seu atual sistema de contribuição e livre comércio. As cooperativas russas representavam uma grande força cultural e econômica na vida do povo. Em 1918 cobriram o país com uma meada de 25.000 sucursais com um total de membros de 9 milhões. O capital que tinham invertido naquela época era de 15 milhões de rubros; enquanto que os negócios no ano anterior foram de 200 milhões.

É lógico que as cooperativas não eram organizações revolucionárias, mas um meio indispensável entre o campo e cidade.

Qualquer elemento contrarrevolucionário que tivera nas cooperativas poderia ser eliminado sem destruir a organização inteira. Mas permitir as cooperativas continuarem suas funções diminuiria o poder centralizado do estado. Portanto a cooperativa teria que ser “liquidada”, e desta forma destruiu também um importante fator de reconstrução russa.

Agora que as cooperativas não existem mais e um sem números de homens e mulheres que tanto excelente trabalho fizeram, perdiam suas vidas nas masmorras bolcheviques. Lênin volta repetir “mea culpa”. As cooperativas são reestabelecidas, o cadáver ressuscita. Um pouco antes das cooperativas voltassem a legalidade, Pedro Kropotkin – já enfermo de morte - expressou o desejo de que seis cooperadores de Dmitroff devessem ser postos em liberdade. Os havia conhecido intimamente como bons e devotos trabalhadores.

Haviam passado 18 meses em Botirka, prisão de Moscou, por causa de sua lealdade ao trabalho. Foram postos em liberdade assim que Lênin declarou que a cooperativa devia ser ressuscitada. É quase improvável que voltem a ter sua antiga força e importância dentro do estado bolchevique.

Chamar a Rússia atual de Rússia Soviética ou o regime bolchevique de Governo Soviético é um absurdo. Os soviets tiveram sua concepção na Revolução de 1905, e voltou a nascer na revolução de fevereiro. Tem tanta relação com o Governo Bolchevique como com a Igreja Cristã.

Os soviets de trabalhadores rurais e urbanos, marinheiros e soldados foram expressão espontânea das energias libertadas do povo russo. Eles representam as necessidades da população articuladas depois de séculos de silêncio. Já em Maio, Junho e Julho de 1917 a dinâmica força dos soviets instigaram os trabalhadores ocuparem as fábricas e os campos.

Os soviets se esparramaram rapidamente por toda Rússia, inflamando a revolução de Outubro e continuaram funcionando por muitos meses depois daquele feito. Alguns políticos sociais não puderam compreender seu significado, e os soviets os barraram sensivelmente. O mesmo ocorria aos bolcheviques que tentavam frear o avanço deste movimento.

Mas Lênin é um jesuíta muito sagaz e se mesclou ao grito popular: “Todo poder aos Soviets”. Quando ele e seus satélites estavam firmes nas

selas, foi quando começou a destruição dos soviets. Hoje, não são mais do que –como tudo na Rússia – uma sombra com corpo destruído.

Os soviets agora propagam somente as decisões do Partido Comunista. Não há mais opinião política que possa se propagada neles. O método de eleições usado pelos Comunistas, encheria o Tammany Hall de inveja. Quando cheguei na Rússia, me disse um proeminente Comunista que “Boss Murphy” e Tammany Hall não tinham nada que ensiná-los”. Não acreditei nele na hora, mas logo percebi que dizia a verdade.

Os Bolcheviques fazem uso de todos os meios para aumentar o voto comunista. Se as opiniões não os agradam, então apelam para ameaça de perder o pagamento ou serem presos. Os eleitores já sabem o que esperar, e é evidente o porquê que os comunistas obtém invariavelmente uma maioria de votos. Apesar disso, os mencheviques, tal qual faziam os antigos cristãos tem a esquerda dos Revolucionários Sociais, e alguns anarquistas tem seus representantes eleitos, o que não é pouco dizer na Rússia Bolchevique.

Sem imprensa, privados de liberdade da palavra, e sem permissão legal para propaganda nas fábricas, é quase um milagre que opositores tenham um lugar nos soviets. Mas com respeito de expressar suas opiniões e a serem ouvidos, seria como não estivessem lá. Os comunistas se encarregam de que tudo que não seja comunista não seja ouvido. No caso de um anarquista conseguir um mandato para o soviete, o governo se recusa a credenciá-lo e encaminha-o, quase sempre para a Tcheca. Em 1920 estive em um comício de eleições que teve lugar em um clube de fábrica em Moscou. Já era a segunda vez que o governo se negava a reconhecer o representante dos trabalhadores – um anarquista. Apesar de que o candidato oposto naquele distrito era Semashko, o Comissário de Saúde, os trabalhadores elegeram pela terceira vez a um anarquista. Em vão Semashko cometia abusos e boatos falsos, em vão metia seus punhos nas caras dos trabalhadores e os ameaçava. Os trabalhadores riam e troçavam dele, e elegeram um anarquista. Pouco meses depois foi preso e depois solto, após uma longa greve de fome, isto porque a missão inglesa de trabalhadores em Moscou e os bolcheviques queriam evitar escândalo. Antes que sair de Moscou, em 10 de Dezembro de 1921, três anarquistas, membros dos soviets foram presos. Um foi desterrado da capital, os outros

foram acusados de bandidagem e “conspiração subterrânea”, acusação sem defesa ou julgamento, com execução por fuzilamento. Teriam sido demais francos no soviete e portanto havia de expulsá-los. Podemos ver que não há independência no soviete de Moscou ou qualquer outro. Nem sequer o ordinário comunista tem muita liberdade de fala. No soviete assim como em todo o governo bolchevique, a “ditadura do proletariado” está nas mãos de um pequeno grupo, o círculo interior que é quem só governa a Rússia e seu povo. O que foi um ideal, a expressão livre de um trabalhador, de um camponês e de um soldado, se tem tornado uma farsa que o povo não quer e não entende.

La Tcheca

Seu objetivo e sua maneira de atuar. Mais crimes que os esbirros do czarismo. A Pena de Morte.

A Tcheca, a Comissão Extraordinária Pan-Russa é sem dúvida alguma a medida mais negra do regime bolchevique. Foi organizada pouco depois dos bolcheviques terem subido ao poder com o propósito de competir com a contrarrevolucionário, a sabotagem e a especulação. Primeiramente a Tcheca estava controlada pelo Comissariado Interior, os Sovietes e o Comitê Central do Partido Comunista.

Gradualmente chegou a ser a organização mais poderosa da Rússia. Não era só um estado dentro do próprio estado. Toda Rússia, até a mais remota aldeia estava coberta pela rede da Tcheca

Todos os departamentos da extensa maquinaria da burocracia tem uma comissão extraordinária, onipotente sobre a vida ou morte do povo russo. Requereria a maestria de um Dante para explicar ao publico o inferno criado por estas organizações, a brutalização, o efeito desintegrante que tem sobre as comissões próprias, o temor, desconfiança, o ódio, sofrimento e mortes que tem trazido a Rússia.

A cabeça da Comissão Extraordinária Pan-Russa é Dzerzhinsky. Ele, assim como todos os membros que o acompanham, são comunistas “aprovados”. Numa manifestação pública, Dzerzhinsky disse: “Aterrorizamos os inimigos do Governo Soviete... Temos o poder de

assaltar, confiscar as mercadorias e o capital, efetuar prisões, indagar, julgar e condenar aqueles que consideramos culpados, e executar a pena de morte”.

Em outras palavras, a Tcheca é espiã, policia, juiz, carcereira e verdugo. Continua dizendo entre outras coisas: “Ao tratar com os inimigos da Rússia Soviete, é necessário usar métodos de tortura para obter confissões deles, e então despachamo-los para outro mundo”.

O leitor não deve acreditar que a Tcheca tenha progredido desde 1918. O verão passado, quando o que se diz do complô do Prof. Tagantseff, foi descoberto em Petrogrado, se empregou os métodos de tortura pela sede, houve espancamentos e tomaram outros meios eminentemente “revolucionários”.

Esta informação me chegou, não por intermédio dos contrarrevolucionários, mas sim por um comunista sincero que foi um dos presos e conseqüentemente testou os resultados dos métodos tchekistas. Um comunista preso entre os contrarrevolucionários? O que fazia ali? É muito simples. Quando a Tcheca joga sua rede, pesca tudo, inocentes e culpados; a maioria inocentes. Pois como se pode acreditar de que sessenta e oito pessoas estavam envolvidas em uma conspiração sem que toda a cidade soubesse? No entanto, sessenta e oito pessoas foram fuziladas em Petrogrado no verão passado por causa do “complô” de Tagantseff. E isto é uma pequena porcentagem dos inocentes que morreram nos porões da Tcheca. Muitas vezes foram os que tem feito demandas ao governo para suprimir os poderes dessa terrível organização. Isto se tentou fazer durante o outono de 1920 em Moscou, mas imediatamente “o crime e a rapina” se multiplicou. É natural, a Tcheca tinha que provar de eles eram indispensáveis ao estado bolchevique. Por cuja causa se deu o voto de confiança a Dzerzhinsky, e foi publicado no Pravda.

Zinovieff, em uma das seções do Soviete de Petrogrado manifestou, que Dzerzhinsky era “um santo devoto a revolução”. A história da idade negra, se encontra cheia de tais santos. O quanto é terrível o regime bolchevique que tem que imitar o negro passado.

A conexão com isso, é interessante recordar o partido tomado pelos bolcheviques em 1917, quando o governo provisório atentou restaurar a pena capital para os desertores do exército. Naquele tempo os bolcheviques

protestaram energicamente contra tal brutalidade. Manifestaram o bárbaro que era a pena de morte e a degradação para humanidade. Depois da revolução de Outubro, no Segundo Congresso Pan-Russo Soviete os Bolcheviques – junto com o elemento revolucionário – votaram a abolição da pena capital. Agora o sistema usado pela Tcheca é das represarias, aprovado por um santo Comunista e sancionado pelo estado comunista.

Reminiscencias de Kropotkin

Visita ao grande reformista

Entre os que eu desejava ver quando cheguei na Rússia em Janeiro de 1920, era Pedro Alexeivitch Kropotkin. Imediatamente averigui a maneira de encontrá-lo. Me informaram que o único meio de encontrá-lo seria quando fosse a Moscou, pelo fato de que Kropotkin vivia em Dmitroff, uma pequena aldeia a umas 60 verstas de distância da cidade. Devido o país estar tão devastado pela guerra, não me veio outro recurso do que esperar uma oportunidade de ir a Moscou, mas afortunadamente me veio uma oportunidade.

Em princípios de Março, vários comunistas proeminentes foram a Moscou, eles Radek e Gorky, e me deixaram ir junto em seu carro. Quando cheguei em Moscou, procurei as formas de chegar a Dmitroff mas também havia obstáculos. Viajar estava descartado. A tifo estava em seu apogeu e as estações ferroviárias estavam abarrotadas de gente que esperavam semanas inteiras para os trens. Quando chegava um trem, uma luta bestial se seguia por algum espaço nos vagões. Quinhentas pessoas se aglomeravam em um vagão que comportava apenas cinquenta. Famintos e cansados, subia até nos tetos do vagões, sem se preocupar com o frio intenso, e do perigo de caírem, não havia viagem que não contasse com várias vítimas que pereciam congeladas. Eu estava desanimada pois ouvira que Kropotkin se encontrava enfermo e temia que não vivesse até a primavera; não me atrevia a pedir um carro especial nem podia reunir suficiente energia para ir de forma ordinária. Uma circunstância inesperada me veio tira desse dilema. O editor do Diário Herald de Londres, acompanhado de um de seus correspondentes me haviam precedido a Moscou. Também queriam visitar Kropotkin e conseguiram um carro especial. Junto com Alejandro Perkman

e A. Shapiro pude reunir-me com o sr. Lansbury e fazer a viagem a salvo.

A casa de campo de Kropotkin estava situada detrás de um jardim a pouca distância da rua; na escuridão da noite se notava apenas uma só opaca luz de uma lampada de querosene que alumia o caminho até a casa. Logo percebi que a querosene estava escassa na de Kropotkin e que era necessário economizá-la. Depois de que Pedro fazia seu trabalho diário, a mesma lampada tinha que ser usada na sala onde a família se reunia a noite. Fomos muito bem recebidos por Sofia Kropotkin e sua filha, quem nos conduziram a habitação onde estava o grande homem.

A última vez que o tinha visto foi em 1907 em Paris, depois do Congresso Anarquista de Amsterdam. Kropotkin que muitos anos foi proibido de entrar na França, acabava de receber permissão de voltar. Naquele tempo tinha sessenta e cinco anos, mas aparentava mais jovem. Foi grande inspiração para todos os que tiveram a sorte de ter algum contato. Nada fazia acreditar que Pedro Alexivitch fosse velho, mas não foi o que ocorreu em Março de 1920. Me surpreendi com sua transformação, estava enfraquecido, extenuado. Nos recebeu com sua graça característica. Desde o princípio, compreendemos que nossa visita não poderia ser satisfatória; Pedro não poderia falar com franqueza na presença de dois desconhecidos e mais sendo correspondentes. Depois de uma hora de amenidades, pedimos a Sra. Kropotkin e Sacha que entretecem os visitantes ingleses, enquanto falávamos em idioma russo com Kropotkin. Além de meu interesse em sua saúde, estava também muito desejosa de receber dele alguma luz sobre os assuntos de importância que começavam a perturbar minha mente, a relação do Bolchevique com a revolução; os métodos despóticos que, segundo me asseguravam sido impostos pelos governantes pela intervenção e o bloqueio. Que pensa Kropotkin disso e como explicaria seu largo silêncio?

Não fiz nota alguma sobre nossa conversa e só darei a essência dela. Esta foi o efeito de que a Revolução Russa levou o povo a uma grande altura e havia enfeitado o caminho para as grandes mudanças sociais. Se então permitissem ao povo que usassem suas energias, a Rússia não estaria agora nessa situação arruinada.

Os Bolcheviques que foram empurrados a frente pela orla revolucionária, se dedicaram em “cantos das sereias revolucionárias”

conseguindo com isso a confiança da população e a ajuda dos militares revolucionários.

No início de Outubro os Bolcheviques se empenharam em subordinar o interesse da revolução a edificação da ditadura, e isto paralisou toda a atividade social. Kropotkin se referia a Cooperativa como o meio principal, que em sua opinião, poderia unir os interesses dos trabalhadores rurais e urbanos. Mas essas cooperativas foram as primeiras que se destruíram. Falou acaloradamente da depressão, perseguição e cruel emboscada a qualquer sombra de sua política ou opinião, e citou numerosos exemplos da miséria e sofrimento do povo. Sobre tudo estava mais firme contra o Governo Bolchevique por ele ter desacreditado assim o povo russo do Socialismo e Comunismo.

As Razões de seu Silêncio

Por que então não havia se levantado contra estes males, contra a máquina que estava absorvendo o sangue e a vida da revolução? Duas razões apresentou Kropotkin. A primeira por estar proibido na Rússia a livre expressão de opiniões, a segunda por não obstaculizar a marcha do Governo Bolchevique nos momentos em que este era atacado pelas forças combinadas imperialistas da Europa, e as mulheres e crianças estavam morrendo de fome devido ao bloqueio criminoso, por tanto, ele não podia tomar parte no gritos dos ex-revolucionários de “CRUCIFIQUEM!”. Ele preferiu guardar silêncio ao até agora.

E ainda mais, protestar contra o governo era completamente inútil. O Governo se mantinha seu poder acima de tudo e, não perderia tempo em considerações da oposição. E logo acrescentou:

“Creio que sempre expusemos o real significado do Marxismo ao povo. Por que a surpresa agora?”

Indaguei-o se havia feito notas de suas impressões e observações. Seguramente ele devia saber a importância dessas informações para seus companheiros e aos trabalhadores de todo o mundo. Kropotkin me fitou um momento e logo disse:

“Não, eu não escrevo, é impossível escrever quando se encontra entre tanto sofrimento, quando a cada hora que passa, novas notícias de tragédias

e misérias que não podemos ajudar. E ainda tem a total falta de sigilo e segurança pessoal. A todo instante a o perigo de uma invasão noturna pela Tcheca, que vasculharia todas os cômodos da casa e levariam até o último pedaço de papel. Sobre tremenda tensão, não há como arquivar material e informes. Mas há algo fora dessas considerações que é o meu livro sobre ética, trabalho apenas algumas horas diárias, e ainda tenho muito que fazer”.

Tínhamos monopolizado nosso companheiro por muito tempo, e ainda havia muita coisa para se falar, mas não naquela noite. A conversa voltou as amenidades, mas já era muito tarde e nosso amigo estava cansado e assim nos despedimos. Voltaríamos na primavera, quando teríamos mais tempo para conversar.

Depois de um carinhoso abraço, costume de Kropotkin a todos que amava, nos dirigimos ao carro. Meu coração estava pesado ao pensar que na grande Rússia, meu espírito estava confuso pelo tinha acabado de ouvir. Também me alarmou as condições físicas que encontrei o companheiro. Temi que não chegaria a primavera. O inverno de 1920 foi uns dos mais terríveis, as pessoas morriam de fome, de tifo e ao pensar que Kropotkin poderia falecer, sem que o mundo soubesse o que entendia da revolução russa seria aterrador. Me sentia impaciente. Kropotkin tinha combatido todo o despotismo dos tsares Por que ele não podia escrever agora? Mais tarde compreendi o porquê que ele não podia escrever sobre a Rússia atual. Em Julho de 1920, voltei a Moscou, estava com a expedição do Museu da Revolução a caminho da Ucrânia. Nesses dias, Sacha Kropotkin veio me ver. Havia obtido um carro de um oficial do Governo, e desejava que fosse Alexander Berkman e eu fossemos a Dmitroff. Saímos no dia seguinte e chegamos em poucas horas. O jardim que rodeava a casa de Kropotkin estava florido e a folhagem cobria a casa. Kropotkin estava dormindo a sesta, mas se levantou assim que chegamos, se juntando a nós. Havia melhorado muito, se encontrava cheio de energia e de vida.

Imediatamente nos levou a horta, que havia sido trabalhada quase que exclusivamente pela Sofia Kropotkin, orgulho de Kropotkin e a principal provedora da família. Ele se orgulhava que ele havia desenvolvido uma nova espécie de alface. Kropotkin nos convidou a comê-las. A primavera operara milagres nele. Era outro homem.

Os primeiros sete meses de minha instância na Rússia me havia quase consumido. Havia chegado com tanto entusiasmo, com tal desejo de dedicar-me por completo ao trabalho, a santa defesa da revolução, que o que encontrei me atordoou por completo. Não podia fazer nada. A roda do Estado Socialista havia paralisado minhas energias. Os sofrimentos e desgraças do povo, ouvir suas necessidades, a perseguição e repressão desconcertou minha mente e a vida me tornou insuportável.

Havia sido a revolução que transformou os idealistas em bestas feras? Se foi, então os Bolcheviques eram meros peões de xadrez nas mãos do inevitável. Seria o caráter frio do Estado que com más intenções havia se emparelhado com a revolução e a guiava para o beco sem saída do Estado necessário? Não podia eu contestar estas perguntas, ao menos em 1920. Quem sabe se Kropotkin tivera podido.

Última entrevista com Kropotkin

Seus sofrimentos na Rússia e a perseguição que foi objeto. Quase cego por precisar de luz. Sua morte

Minha segunda visita a Kropotkin durou uma hora. Durante esse tempo Pedro falou em detalhes acerca da Revolução russa, a parte levada a cabo pelos Bolcheviques, a lição dada aos anarquistas em particular e ao mundo em geral. Ele considerava que a revolução Russa era maior em princípios e finalidades do que a revolução francesa, pois apesar de que foi o povo sem tanto desenvolvimento, se adaptava melhor as concepções da nova vida. O espírito das massas durante a revolução de Fevereiro e de Outubro demonstrou que o povo entendia as grandes mudanças que se esperava e estava disposto a colocar tudo para seu intento.

O povo sabia que tinha diante de si algo enorme que teria que enfrentar, organizar e administrar. Aquele espírito, enfrentado hoje pela fome e pela perseguição, ainda está em evidência. A melhor prova dele é a resistência que o povo russo apresenta diante do jugo Bolchevique. Os Bolcheviques em sua marcha pelo poder estavam muito convencidos de serem a vanguarda da revolução, com eles mesmos alegam. Mas é contrário: são a barragem que detiveram a crescente onda de energias do

povo.

Em sua ideia fixa de que somente uma ditadura pode dirigir e proteger a revolução, foi fortalecendo seu formidável Estado, o qual está destruindo a revolução. Como marxistas, nunca se deram ou darão conta de que a única proteção da revolução depende da habilidade do povo se organizar economicamente. No mais, Kropotkin explicou que havia expresso seu ponto de vista da revolução russa que acredito ter sido publicado extensamente.

Kropotkin também falou da parte que os anarquistas tomaram na revolução; falou da morte de alguns, do heroísmo de outros, da luta de muitos e da irresponsabilidade de alguns. Sobre tudo afirmou a necessidade de que os anarquistas estivessem melhor equipados para a reconstrução do trabalho durante a revolução.

Recordo claramente suas próprias palavras:

“Nós, os anarquistas, temos falado muito sobre a revolução social. Mas, quantos de nós temos nos preparados para o trabalho durante e após a revolução? A revolução russa tem demonstrado a imperativa necessidade dessa preparação, de um trabalho prático e construtivo”.

Em uma carta dirigida a um dos seus mais íntimos amigos, Kropotkin diz que havia chegado a ver no sindicalismo, a base econômica do anarquismo, ou seja, o meio para organização econômica e expressão das energias do povo durante o período revolucionário.

Foi um dia memorável! O último que passaria junto do grande homem. Quando foi chamada para cuidar de sua última enfermidade, cheguei em Dmitroff uma hora depois de sua morte. A acostuada confusão, ineficiência e demora burocrática me roubou a oportunidade de oferecer a Kropotkin algum serviço como pagamento ao bem estar que me fez. Duas coisas me chamaram a atenção em Kropotkin durante ambas as visitas: A falta de rancor frente aos bolcheviques e o fato de não mencionar seus próprios sofrimentos e privações. Foi depois de sua morte que soube de alguns detalhes de sua vida sob o regime bolchevique. No início de 1918, Kropotkin reuniu um grupo dos mais hábeis especialistas em vários ramos da economia política. Seu propósito era de preparar um estudo minucioso dos recursos econômicos da Rússia, distribuí-lo para auxiliar prático na reconstrução da Rússia.

Kropotkin foi o editor-chefe desse grupo. Foi preparado o volume, mas não foi publicado. Esse grupo científico foi conhecido pelo nome de Liga Federalista e foi destruído pelo governo e todo material confiscado. As habitações de Kropotkin foram requisitadas por duas vezes e sua família foi obrigada a buscar albergue em outro lugar. Depois desse transtornos é que Kropotkin se mudou para Dmitroff, onde se manteve em involuntário desterro. Ainda no verão estava muito difícil de visitá-lo, porque era necessário uma permissão especial para viajar e obtê-la necessitava muito tempo e esforço, no inverno era quase impossível. Assim, aquele que havia reunido em sua casa as melhores cabeças e de ideias de todo o mundo, estava agora obrigado a uma vida de reclusão.

Seus únicos visitantes eram os pobres trabalhadores rurais, de sua aldeia, sem muitos conhecimentos e com demandas do cotidiano. Recordo que na noite de nossa visita, Kropotkin havia recebido uma carta de amigo em Moscou, um cientista que vivia com sua esposa e dois filhos numa habitação. Uma lamparina somente alumia a mesa sobre a qual as crianças estudavam suas lições: a esposa copiava alguns manuscritos, quando que ele usava um canto para executar seus trabalhos de química. Estava empregado em um lugar a doze “verstas” de sua casa e tinha que caminhar a dita distância diariamente. Kropotkin que por meio de muitas publicações em vários idiomas, se mantinha em comunicação com o mundo inteiro, agora estava ilhado por completo desse contato.

Nem poderia inteirar-se do que ocorria em Moscou e Petrogrado. Suas únicas fontes de notícias eram os periódicos do governo: Pravda e La Izvestiya. Em Dmitroff, seu trabalho de ética não avançava. Não podia conseguir os livros científicos necessários. No fim, Kropotkin era mais torturado por uma fome mental do que a malnutrição física. Recebia o pagamento e ração melhor que a maioria, mas era insuficiente para manter sua vitalidade.

Afortunadamente, Kropotkin recebia auxílios de vez em quando, de seus companheiros do estrangeiro, assim como da Ucrânia que lhe enviavam mantimentos. Também recebia agradimentos similares de Makhno, então aclamando pelos bolcheviques como o terror das forças contrarrevolucionárias no sul da Rússia. Mas a falta mais notável era os combustíveis e luz. Quando visitei a família Kropotkin em 1920, se

consideravam muito afortunados em ter luz em mais de uma habitação. Durante uma parte de 1918 e todo o ano de 1919, Kropotkin escreveu suas Éticas sobre a tênue luz de uma lampada de azeite, a ponto de quase ficar cego permanente. Durante as curtas horas do dia, transcrevia seu material em máquina de escrever lentamente e dolorosamente a cada golpe da letra. No entanto, não seus próprios sofrimentos que o piorava suas forças. Era a Rússia, os sofrimentos dos que o rodeavam, a supressão de todo o pensamento, a perseguição e encarceramento dos que tenham uma opinião, um sem fins de iniquidades cometidas com o povo, que fizeram de seus últimos anos a mais profunda tragédia.

Se tivesse algo que pudesse fazer para aliviar os sofrimentos, para trazer os ditadores de Rússia a razão... mas não, ele não podia. Não podia de nenhum modo igualar-se a aqueles da guarda Revolucionária que fizeram causa comum com os inimigos da revolução. E ainda que encontrasse um meio de publicar seu protesto na prensa europeia, os reacionários fariam uso contra a Rússia. Não; não podia fazer isso e sabia muito bem que era inútil protestar ante o governo bolchevique.

No entanto, era tão grande sua angustia, que em duas ocasiões Pedro Kropotkin se dirigiu a ouvidos de mercador. Uma vez no protesto contra o terrível costume de represarias, a outra contra a supressão das publicações que não fossem do Estado.

Desde que a “Tcheca” começou sua sinistra existência, o governo bolchevique tem sancionado o sistema do terror. Mães, anciãs e jovens, pais, irmãs e irmãos, e até crianças tem sido vítimas das represarias, muitas vezes por causas ou delitos de um de seus próprios e do qual eles nem estavam cientes.

Em Outono de 1920 os Mencheviques que emigraram para Europa, ameaçaram com a retaliação se a repressão contra seus companheiros continuassem. O governo bolchevique anunciou na imprensa oficial, que por cada comunista que percesse, dez Mencheviques. Foi então que os famosos revolucionários Vera N. Figner e Pedro Kropotkin enviaram seu protesto aos poderes, dizendo que a costume de fazer represarias era uma mancha a revolução Russa, um dragão que deixava um rastro de destruição por onde passa, que o futuro não nunca perdoaria métodos tão métodos. O segundo protesto se fez em contestação ao atentado da parte do governo de

“liquidar” todas as editoras que tivessem vínculo políticos, com cooperativas ou mesmo particulares. Este protesto foi dirigida ao Congresso Pan-Russo de todos os Sovietes. É interessante ver que Gorki, um oficial do Comissariado da Educação, enviou um documento similar de na mesma época, mas de Petrogrado.

Kropotkin, em suas manifestações, fez menção do perigo que tal ataque fazia ao progresso e sobretudo, ao livre pensamento. Tal monopólio do Estado sobre o pensamento faria impossível todo o trabalho criativo. A situação da Rússia durante os últimos quatro meses são as provas convincentes disso.

Uma das características que sobressaia de Kropotkin era sua resistência no que concernia a si próprio. Nas 36 horas que passei junto a seu cadáver fiquei sabendo muito mais de sua vida pessoal do que os tantos anos que o conheci. Muitos poucos de seu círculo de amizade sabia que ele era um grande artista e um notável músico. Entre seus pertences encontrei uma coleção completa de desenhos de grande mérito. Amava música apaixonadamente e era um músico de grande habilidade, em seus momentos de ócio se passava em frente ao piano, onde encontrava sem dúvida alguma, sossego e paz interpretando os mestres com profundo sentimento. Seu cadáver colocado no escritório parecia estar dormindo tranquilamente e seu semblante se conservava afável como em vida. Ali descansava o grande filho da Rússia. O que durante lutas e privações permaneceu sempre leal a revolução e não a abandonou. Não chegou a ver erigido o monumento capitalista sobre a tumba da revolução. Mas isso não roubaria sua crença na insurgência do povo, o triunfo final de uma revolução libertária.

Os Grêmios de Trabalhadores da Rússia são submetidos a ditadura bolchevique

Os “Sindicatos” da Rússia ainda que jovens, pois começaram em 1905, eram organizações muito ativas. Tinham que ser para contrapor as perseguições do Tsar, e apesar de que naquele tempo tinham que trabalhar ocultamente, eram no entanto um fator muito importante na luta econômica do trabalhador russo. Este fato foi demonstrado pela força pouco depois da

revolução de Fevereiro.

Os “Sindicatos”, imbuídos com o novo espírito que nasceu na Rússia, já não se contentavam apenas com mudanças políticas. Sua ideia era de que os trabalhadores tomassem a posse da construção econômica do país, para o qual tinham organizado comitês de fábrica para o controle da vida industrial. No fim, era que os Sindicatos foram antes do regime bolchevique, a expressão organizada das demandas e aspirações dos trabalhadores. E assim, na terceira conferência dos “Sindicatos” que teve lugar em Petrogrado em Julho de 1917, tinha enviado 210 delegados representando uma União de 1.475.425 membros.

O advento da Ditadura do Proletariado se fez sentir em seguida nos Sindicatos. Se fez uma adesão compulsória das organizações dos trabalhadores e todos que trabalhavam eram automaticamente registrado na União, e obrigado a pagar gostando ou não. A cota era de 3% e se descontava do salário diretamente, e dessa forma o trabalhador russo tinha que manter as mesmas organizações que destruíram toda iniciativa e autoadministração dos Sindicatos Russos.

O Soviete Pan-Russo

Os Sindicatos Sovietes Pan-Russos consistem de 120 membros. O comitê executivo central tem onze membros, e quase todos tem que ser comunistas para serem eleitos a esses cargos. O resultado é que os Sindicatos se tornaram uma mera ramificação da maquinaria do Estado, controlado completamente e dirigida por este. O membro ordinário não tem voz nem voto nas atividades da organização e nem essas ocorriam sempre, a não ser aquelas vinculadas a facção bolchevique.

Se algum dos sindicatos se aventura a agir como um sindicato de verdade, se faz entender que não importa o que os sindicatos do Oeste da Europa ou dos EUA façam, os sindicatos comunistas devem obedecer a lei, e se manter calado. Como exemplo, os Padeiros de Moscou declararam greve em 1920 pedindo aumento da ração de pão. O governo não se preocupou muito do assunto. Simplesmente dissolveu o sindicato, expulsou seus cabeças e alguns membros mais atuantes foram presos. Os oradores mais proeminentes foram impedidos de fazer parte de reuniões do sindicato

e exercer seus direitos.

A mesma tática foi usada em outras greves; foi somente a “insolência” em fazer um comício que se convidou a comissão dos trabalhadores da Grã Bretanha.

Naquele comício, Chernoff, chefe dos Revolucionários Sociais e Dan, um proeminente mencheviques cometeram o imperdoável erro de dizer aos trabalhadores britânicos alguns fatos dos Sindicatos e a situação do trabalhador na Rússia. Imediatamente depois disso, foram suspensos todos os oficiais do sindicato de tipógrafos e alguns deles foram levado aos cárceres. Em todos os periódicos oficiais do país, se adjetivaram os tipógrafos de contrarrevolucionários, de traidores, e os denunciaram em tão duros termos que serviu para aterrorizar o resto dos trabalhadores do país.

É tão destruidora a tirania sobre os sindicatos que o mais insignificante protesto é qualificado como falta de disciplina e um crime contra a revolução. Durante as greves de Petrogrado em 1921, quando os operários da fábrica Baltic protestaram contra a prisão de 22 de seus membros, Antselovitch, presidente dos Sindicatos de Petrogrado, o disse a Tcheca e pouco dias depois, houve um assalto as fábricas que resultou em mais prisões de muitos trabalhadores. No fim, os Sindicatos na Rússia Bolchevique foram absorvidos completamente pelo Estado e não possuem outras funções que fazer trabalhos policiais para o mesmo.

Naturalmente, tal situação não poderia durar muito tempo sem levantar o descontentamento dos trabalhadores, e em 1920, chegou o descontentamento a tal extremo que ameaçaram o governo que o colocou em uma situação difícil. No final de 1920, foi tratado as funções dos Sindicatos e até apareceu algumas opiniões diferentes no Partido Comunista sobre essa importa questão.

Todos os chefes Comunistas participaram da discussão que decidiria o destino dos Sindicatos. As teses apresentadas descobriu quatro tendências base. Primeira, a Fação Lenin-Zinoviev que defendia que os “Sindicatos tem apenas uma função base na união dos trabalhadores”, ou seja, servir de escola do Comunismo.

A segunda tendência, estava representada por Rasanoff e seus aderentes, que insistiam que os Sindicatos devia continuar funcionando como um fórum dos trabalhadores e seus protetores econômicos.

A terceira facção, era de Trotsky, um gênio militar que não consegue pensar além de termos militares. Ele apresentou a tese de que os Sindicatos chegariam a ser os gerentes e controladores das indústrias, mas que no momento atual, a administração dos sindicatos deveria ser feita pelo sistema militar.

A última e mais importante, foi a oposição dos trabalhadores encabeçada por Madame Kollantay e Schilapnikoff, que verdadeiramente apresentou o sentimento dos trabalhadores e estavam respaldados por eles.

Revolta da Oposição

Esta oposição insistia que a neutralização dos Sindicatos havia destruído o interesse dos trabalhadores na reconstrução econômica do país, e havia paralisado a capacidade de produção. Pediam a liberdade da população do jogo do estado burocrático e seus oficiais, e que dessem ao povo a oportunidade de exercitar suas energias criativas. Mencionaram que na revolução de Outubro se lutou para que a população pudesse controlar a vida industrial do país; enfim, que a Oposição trabalhadora, foi um eco do protesto de descontentamento acumulado pela maioria. Em Petrogrado a influência de Zinovieff era tão potente que Trotsky tinha que lutar para conseguir permissão para falar no Local Comunista sobre as controvérsias. Trotsky havia criado tal clima que estava prestes de acabar com o Partido Comunista. Mas Deus ama Lênin. Sempre que suas farsas tendem a se desequilibrar, o todo poderoso lhe envia apoio. A grande inquietação dos trabalhadores, e as numerosas greves de Fevereiro de 1921, e a insurreição do Kronstadt veio a lhe servir. A unidade Comunista haveria de mantê-las a todo custo. E assim, o paizinho chamou seus filhos, um a um, e lhes deu uma lição.

Lênin qualificou a oposição dos trabalhadores de anarco-sindicalista, ideologia da classe média, por isso ordenou sua supressão. Schliapnikoff, um dos mais influentes da oposição e qualificou Lênin de “Comissário incomodado”, foi calado fazendo-o membro do Comitê Central do Partido Comunista.

A Madame Kollantay foi detida para dar explicações da opinião da Oposição, que surpresa.

Alguns expoentes menores da Oposição ganharam hospedagem nas instalações da Tcheca e até Riasanoff – um velho e provado comunista – levou suspensão de 6 meses em atividades sindicais. Com respeito a Trotsky, quem Lênin desprezava no partido e o qualificou de “ignorante sobre Marxismo fundamental”, foi enviado a Kronstadt para trazer a “paz de Varsóvia”. Lênin e seu justo e santo Zinovieff obtiveram assim a vitória. Os Sindicatos se tornaram escolas do comunismo.

A nova política da economia vai rapidamente tomando forma. Os Sindicatos são os primeiros a sentir seu efeito. Numa assembleia do Comitê Central do Partido Comunista, que teve em Moscou em Dezembro de 1921, se discutiu sobre as funções dos Sindicatos. Se nomeou uma comissão que consistia de Lênin, Radzyutak e Andreye, para escolher e preparar tal tese. Mais tarde, essa tese foi aceita por unanimidade, pelo Soviete Central Pan-Russo de todos os Sindicatos. Entre outras coisas a tese contém o seguinte:

“1)-O alistamento obrigatório dos tralhadores as organizações dos trabalhadores, trouxe a deterioração burocrática dos Sindicatos e tornando-as malvistas pelas massas (por denunciar a mesma coisa, muitos trabalhadores foram denunciados como contrarrevolucionários e forma enviados a Tcheca): é por tanto necessário estabelecer o alistamento voluntário nos sindicatos.”

2)-Os trabalhadores que se alistem nos sindicatos, não devem ser incomodados por causa da religião ou ideias políticas. (Sombras das numerosas vitimas que foram apagadas por suas ideias politicas terem sido diferentes do Bolchevismo!).”

3)-A reconstrução econômica da Rússia necessita da estrita concentração de poder nas mãos de um gerente; por tanto, os Sindicatos dos Trabalhadores não devem pretender controlar as industrias, contratadas ou propriedade de capitalistas particulares.”

É evidente que a política econômica, apoiada por Lênin está abrindo as portas as novas complicações trabalhadoras e conflitos inevitáveis. O arranjo de todos os conflitos que pudessem ocorrer estará nas mãos de um “corpo poderoso” e fora dos sindicatos. A comissão de Lênin indicou que esta “alta autoridade para arbitrar as forçadas disputas não será outra que o Partido Comunista da Terceira Internacional”. É evidente que a

Internacional Comunista quer dizer: preservar o domínio do movimento dos trabalhadores da Rússia, enquanto que ao mesmo tempo, ganham o controle do movimento dos trabalhadores do Oeste Europeu e da América.

Contudo, sobre a nova política econômica, os trabalhadores russos estão pior do que antes da revolução.

O dia de 8 horas, quase universal, na Rússia foi abolido a quatro anos. De acordo com o órgão oficial, Pravda, de Moscou, de Dezembro de 1921, a situação é a seguinte: 695 plantas industriais, apenas 85 tem feito o dia de 8 horas.

Na maioria dos outros, o trabalho é de 9 horas; em 44 estabelecimentos se trabalha de 10 a 12 horas, em 11 lugares, de 14 a 16 horas. Até crianças tem trabalhado em algumas plantas de 12 a 14 horas.

Os padeiros são os mais explorados e trabalham mais horas, ou seja, de 12 a 18 horas. Esta informação se refere a Moscou, a capital russa. Nas províncias estão pior. Os distritos mineiros, trabalham de 16 a 18 horas. Nas fábricas de couros do Estado de Viteosk doze horas são normais. Nas pesqueiras de Astrakhan, de acordo com seus representantes locais na segunda conferência Pan-Russa de proteção do trabalho, o trabalho de um dia é de 14 a 16 horas.

A revolução russa, contudo, não tem sido completamente em vão. Tem arrancado muitas das noções antigas da população russa, e o trabalhador já não é escravo dócil como antes. Tem sido alimentado com pilherias da política, já não acredita nelas. Agora que poderá misturar-se a seus companheiros nas organizações, não há dúvida que usará dos meios mais diretos para conquistar seu posto.

Lênin e sua camorra vão cheirando o perigo. Seu ataque a oposição dos trabalhadores e anarcossindicalista continua com intensidade. Será que a estrela anarquista se levantará no Leste?

Quem sabe! Milagres acontecem na Rússia...

Trabalho Obrigatório

A mentira do Trabalho Obrigatório. De que maneira e para quem se faz o trabalho obrigatório. A ineficiência dos governantes.

A mobilização do trabalho, na realidade, a conscrição do trabalho foi anunciada ao mundo como o maior bem do comunismo. “Hoje, todos devem trabalhar na Rússia! Não mais parasitas!”. Mas que Lênin nunca admitiu abertamente que esse método, como tantos outros decretados para reconstruir a Rússia, é um erro, e estou inclinada a pensar que ele acreditada que a conscrição do trabalho não tem feito outra coisa do que incrementar a “produção” dos trabalhadores.

O que fez foi estabelecer, como existia, a escravidão dos bens móveis (?) e incorporar a burguesia parasita pela maquinaria do parasitismo bolchevique. Sua obra foi obrigar a trabalhar as pessoas até o limite da fadiga, passar por cima deles nas tarefas, prendê-los e as vezes fuzilá-los pela deserção de seus trabalhos. Como a maioria dos trabalhadores, eles vão as fábricas não para trabalhar, mas sim descansar e fabricar algum artigos secretos que suas esposas e filhos poderiam trocar no campo por farinha e suprimentos. Isto, incidentalmente, os salvou da inanição.

A respeito das oportunidades de trazer algo do campo, se poderia escrever um livro sobre esse tema. Com as proibições de comércio, veio a “zagregaditelmy strjad”, o destacamento de soldados e tchekistas em cada estação para confiscar todo artigo trazido por particulares a cidade. Os infelizes que depois de tantas dificuldades sem conta para conseguir um passe de viagem, depois de dias e semanas de perigos nas estações, ou em tetos e plataformas; traziam uma libra de farinha ou suprimentos, terminavam expropriados pela strjad.

Em muitos casos, o material confiscado era dividido entre os próprios defensores do Estado Comunista. As vitimas se sentiam afortunadas se escapassem sem castigos. Frequentemente se roubava seus preciosos pacotes e eram jogados na carcere por “especulação”. O número de verdadeiros especuladores apreendidos eram insignificantes perto da horda de desgraçados que chegaram as prisões da Rússia por se defenderem da morte por inanição.

Uma coisa se pode dizer dos bolcheviques, e é que não faziam suas coisas pela metade. A lei do trabalho obrigatório se efetivou por vingança. Homens e mulheres, velhos e jovens, apenas vestidos e com toscos sapatos com um trapos nos pés, foram indistintamente lançados ao frio e geada a varrer a neve e cortar gelo. De quanto em quanto, eram mandados as

florestas para cortar madeira.

Tudo isso se resultou em pleurisia, pneumonia e tuberculose. Foi só então quando os tontos do Kremlin criaram um novo departamento para a distribuição do trabalho. Esse “bureau” decidia segundo as aptidões físicas dos trabalhadores, os classificava e os distribuía segundo seus trabalhos.

Sobre tais condições, degradantes e escravizadoras, não é raro que os trabalhadores fizessem péssimos trabalhos porque odiavam e os meios pelos quais os faziam trabalhar. Começaram a ver o Estado Comunista como uma nova sanguessuga que lhes chupava os líquidos de sua vida. Os trabalhadores de Petrogrado, os mais revolucionários, os que sustentaram o esforço da larga luta, o que defenderam tão heroicamente a cidade, contra Judenitch, que morreram de fome e de frio pelo ideal, que maravilha! Também louvavam os falsos revolucionários e tudo se conectava a eles.

Não é culpa deles, a cruel máquina bolchevique minou sua fé e seus ideais. Essa máquina tem engendrado um sentimento contrarrevolucionário que demorará muito tempo em desaparecer.

Não me esquecerei de uma cena, uma reunião do Soviete de Petrogrado. Devia nessa noite, decidir o destino de Kronstadt. Depois de grandes discursos dos dirigentes comunistas, fala um trabalhador dos arsenais. De cara a mesa e de costas para o auditório. Sua voz se estende com emoção contida, seus olhos lacrimejam, sua figura é vibrante. Se dirige ao presidente do Soviete de Petrogrado, Zinovieff:

“Faz 3 anos e meio, diz, você foi denunciado como espião alemão, traidor da revolução, hostilizado e perseguido. Nos, trabalhadores e marinheiros de Petrogrado o salvamos e o levamos ao posto que você ocupa agora. O fizemos porque acreditamos que você fosse a expressão do povo. Desde então você e seu governo se tem afastado de nós. Agora, de lá, nos gritam nomes insultantes, ousam nos chamar de contrarrevolucionários. Você nos fuzila e nos encarcera porque pedimos que cumpra a promessa que nos fez na revolução de Outubro”.

Não sei o que aconteceu a este homem. Pode estar preso ou morto por seu atrevimento. Seu grito caiu em ouvidos de mercador. Contudo, foi o grito de um espirito agonizante, o espirito da Rússia coletiva que aspirou e conseguiu tal altura na revolução e que foi novamente encarcerado pelo Estado Bolchevique.

Artigo X

Seu corpo, o espírito de Maria Spiridonova ainda vaga pela Rússia.

A Rússia de antes da Revolução se mantém única na história mundial pelo grande número de mulheres que contribuíram ao movimento revolucionário. Começando com os Dezembristas, cujas as esposas os seguiram, já quase um século, a deportação, até a última hora do regime do Czar, a mulher russa participou na mais heroica atividade e foi ao suplício e a morte com sorriso nos lábios. Entre o grande número delas, um das figuras mais notórias, é Maria Spiridonova.

Durante 1905-1906, existia grande intranquilidade entre os camponeses russos. Na Província de Tambolff os camponeses, exasperados pelo excessivo imposto e a brutalidade dos oficiais, se levantaram contra seus opressores e atearam fogo em algumas fazendas. O governador de Tambolff, Luzhenovsky, muito conhecido por sua barbárie, chegou com seus cossacos e obrigou os camponeses a se despirem e ficarem horas na neve e outros foram alinhados e fuzilados sumariamente. Maria Spiridonova foi um jovem e foi contactada por seu partido, os Revolucionários Sociais, para que matasse Luzhenovsky, pelo tratamento que aplicará aos camponeses. Era um trabalho duro. Luzhenovsky estava sempre bem vigiado por seus cossacos. Ele tinha aterrorizado a população e confiscado todas as provisões para sustentar a guerra com o Japão. Mas todas estas dificuldades não desviaram Spiridonova de sua meta. Disfarçada de camponesa, seguiu a Luzhenovsky. Ela aparecia nas estações de ferroviárias e em todos os caminhos “buscando” como ela dizia, “a seu esposo, soldado que havia desaparecido”. Apesar do iminente perigo e privações seguiu sempre o cerco ao governador até que a oportunidade surgiu. Quando o trem que levava Luzhenovsky pisava a plataforma, rodeado de seus oficiais, Maria rompeu o cordão de seguranças que o separava e matou-o a tiros.

O tsares nunca foram parciais sobre o trato das mulheres políticas. Perseguiam sanguinariamente tanto homens como mulheres, mas no caso de Maria Spiridonova, os acólito do Czar Nicolau sobressaíram aos métodos de Ivan, o Terrível. A sujeitaram as barbaridades inexplicáveis, a

arrastaram a sala de espera da estação e a acoitaram até perder os sentidos. Arrancaram os vestidos e a entregaram a soldadesca. Estes se entreteriam em queimá-la com cigarros, a chutaram e a ultrajaram. Várias semanas esteve entre a vida e a morte, até que foi sentenciada a pena de morte.

A notícia da tortura imposta a Spiridonova horrorizou o mundo e levantou protestos que a salvaram do patíbulo. Foi enviada a Sibéria sobre pena de prisão perpetua, a chegando -segundo diz Gershuni – uma “massa de carne viva”. Na prisão seus companheiros cuidaram com carinho, devolvendo a vida. Mas a horripilante experiência a deixou tuberculosa, inútil de uma mão e perdida uma vista, mas seu espírito ainda continuava em chamas.

A revolução de Fevereiro abriu a sepultura a todos os presos políticos russos, entre eles Maria Spiridonova. Quem poderá descrever a sua alegria quando soube de sua liberdade? E apesar disso, fez questão de assegurar que até o último preso político fosse solto e explodiu a prisão com dinamite. Entre aclamação do povo, Maria Spiridonova voltou a Rússia, mas não para viver em um palácio invernal, não para festejar e descansar sobre seus louros: Ela voltou para lançar-se entre a população de camponeses, especialmente aos que a veneravam. Chegou a ser presidente do Comitê Executivo do Soviete Pan-Russo dos representantes camponeses. Como tal inspirou, organizou e dirigiu o despertado espírito e atividade dos camponeses. Ao contrário de muitos outros que por vários anos haviam fertilizado o terreno revolucionário com suas lágrimas e com seu sangue, mas apesar disso não tinha compreendido o novo espírito, Maria Spiridonova se deu conta de pronto que a revolução de Fevereiro era tão só o prelúdio de uma mudança maior.

Quando a revolução de Outubro, como uma avalanche levava muitos antigos revolucionários, Spiridonova permaneceu firme em sua fé revolucionária e ao lado do povo na hora mais crítica. Trabalho dia e noite ao serviço de seus amados camponeses.

Ela era a alma do departamento de agricultura, e elaborou um plano para socialização do terreno, que um dos problemas mais importância naquele tempo. Seu corpo débil se mantinha só por sua grande vontade naqueles momentos fatídicos.

Em 1918 Maria Spiridonova já havia percebido que a revolução corria

perigo nas mãos de seus amigos do que de seus inimigos. Os Bolcheviques passaram o rodo em todos e chegaram ao poder com o lema copiado em parte dos anarquistas e se foram por outro caminho. O primeiro passo foi a paz de Brest-Litovsky. Lênin insistiu na ratificação daquele “tratado de paz” tão só para que a revolução tomasse “folego”, mas Maria Spiridonova, assim como outros revolucionários de diferentes escolas, para quem a revolução não era apenas uma experiência de laboratório de experimentos políticos, se colocaram contra a ratificação. Eles entendiam que a ratificação era uma traição com a Ucrânia, que então com grande entusiasmo rechaçava a invasão alemã da parte sul da Rússia: mantinham também que tal proceder significava a dominação completa do povo russo pelo partido bolchevique e a supressão de todos os demais movimentos políticos, o que levaria a uma guerra civil; o descanso que Lênin pretendia, era o fim da revolução.

Princípio do Calvário

Naquele tempo, Trotsky e muitos outros comunistas estavam opostos a paz de Brest-Litovsk. Eles também tinha percebido o perigo que os ameaçava, mas foram obrigados a aceitar pela disciplina do partido. Lênin ganhou o dia, e aqui começou o calvário da revolução russa.

Quando estava na América havia ouvido histórias confusas de Maria Spiridonova na Rússia, mas em minha chegada rapidamente me informaram que Maria estava internada com problemas nervosos, e que a levou a histeria e estava convalescente em um sanatório “para seu próprio benefício e onde recebia os melhores tratamentos”. Mas quando a vi pessoalmente em Julho de 1920, ela vivia ilegalmente em Moscou em um pequena habitação, disfarçada de camponesa como no tempo do Czar, pois havia fugido do “Sanatório e dos melhores tratamentos” que era uma prisão bolchevique. Não encontrei nenhum traço de histeria nela, ao contrário, estava serena e uma das mais firmes que havia encontrado na Rússia. Durante o dia, me cativou com as histórias da revolução russa e de como as sublimes possibilidades do povo haviam sido destruídas pela maquinaria do Estado Comunista. Foi uma exposição clara e convicta.

Soube então que duas vezes tinha sido presa pelos Bolcheviques; a

primeira vez depois da morte de Mirbach, quando os Bolcheviques fecharam o Quinto Congresso do Soviete e prenderam todos os Revolucionários Sociais de esquerda dirigidos por Spiridonova. Colocada em liberdade depois de cinco meses, foi presa outra vez nos fins de janeiro de 1919 e fechada em “Sanatório”, não porque estava histérica ou por debilidade mental, mas sim porque não se deixou subornar nem aceitou a chamada “Ditadura do Proletariado”. Ela falou francamente ao povo sobre os perigos que acarretaria a nova politica dos Bolcheviques, e o povo a ouvia com atenção. Spiridonova expôs que os Bolcheviques pretendiam fazer ver o mundo que a bestial perseguição dos Revolucionários Sociais das esquerdas que se seguiu a morte de Mirbach, havia sido causada porque estes tentavam usurpar o poder do governo. Ela negou veemente isso – e suas palavras são provadas por evidências documentais – de que seu partido não havia intentado nunca usurpar o poder Comunista. O partido de Spiridonova, considerava a paz de Brest-Litovsk como uma traição a revolução, e a considerava uma ameaça imperialista. Pediam abertamente a morte de Mirbach e um levante contra a invasão alemã. Predicavam abertamente suas crenças, mas nem Spiridonova e nem nenhum outro de seus companheiros tinham conhecimento de complô para usurpar o poder.

A Tcheca se faz ativa

Depois da morte de Mirbach, a mesma Spiridonova veio a sessão do quinto Congresso Pan-Russo com o propósito de ler a declaração oficial de seu partido que explicava a necessidade e justificação da morte de Mirbach. Ela e seus companheiros estavam dispostos a aterm-se as consequências de seu ato. Os Bolcheviques frustraram a leitura do dito documento fechando o quinto congresso, e prendendo a representação completa de todos os camponeses, com Maria Spiridonova a frente. Em Setembro de 1920, a Tcheca voltava a provar suas proezas com um assalto que teve lugar em Moscou, descobriu acidentalmente o esconderijo de Maria Spiridonova. Esta estava com tifo e não podia mudar-se. A casa foi rodeada pelos guardas e não permitiam que ninguém a visitasse. Quando passou a crise, levaram-na para Ossoby Otdell (Estação da polícia secreta)

e colocaram no hospital da prisão. Seu estado era tão grave que finalmente deixaram uma velha amiga da Sibéria dar-lhe assistência, mas a mantiveram em total reclusão, sem nenhum contato com o exterior. Em Junho de 1921 recebeu-se uma carta da prisão em que descrevia sua miserável vida: a guarda constante dos “Camaradas”, os Tchekistas, o carcere solitário, a privação de alimento mental e físico, conseguiam o que a tortura do Czar não conseguiu; se apoderou dela o escorbuto, as pernas inflamaram, os dentes e cabelos caíram, e lhe foi tomada por uma alucinação de que os agentes do Czar e da Tcheca de Lênin a perseguia.

Numa ocasião, deixou-se morrer de fome. A Tcheca ameaçou alimentá-la a força, mas foram convencidos por dois companheiros presos dela que poderiam fazê-la comer. Durante os dois congressos que tiveram lugar em Moscou em 1921, os companheiros de Spiridonova circularam um manifesto enviado ao Comitê Central Comunista e aos principais representantes do governo expondo as miseras condições de Maria Spiridonova e demandando sua soltura com a intenção de prestar os cuidados de saúde necessários. Uma proeminente estrangeira, delegada para o Terceiro Congresso do Comunismo Internacional, ouviu de Trotsky que Spiridonova era muito perigosa para ser colocada em liberdade. Foi então que surgiu na imprensa Socialista Europeia relato do grave quadro de saúde dela, foi que a soltaram sobre condição de voltar assim que estivesse com a saúde melhor. Os amigos que cuidam dela agora estão entre deixá-la morrer ou retorná-la a prisão. Existe uma forma de salvá-la e seria sair da Rússia. Seus amigos pediram essa oportunidade ao Governo Bolchevique, mas até agora tem sido em vão. Em 1906, os protestos do mundo civilizado salvaram Maria, é muito trágico que atualmente outro protesto semelhante seja necessário para salvá-la. Fora o cerco da Tcheca e dos desastres da Rússia, Maria Spiridonova poderia recobrar a saúde. Já sofreu umas cem mortes. Se permitirá voltar a vida?

As escolas dos “Defectivos Morais” não são melhores que as próprias prisões

Somente vi uma criança sorrir

O aniquilamento paulatino das crianças pela fome, da qual fui me informando aos poucos, era o método geral usado nos reformatórios infantis. A princípio duvidei disso, mas as provas era tão evidentes, que no fim tive que me convencer de tais fatos. No Hotel Astoria, “Primeira Casa dos Sovietes”, num habitação próxima da minha, havia uma mulher com dois filho. Era comunista, contudo, lutou fortemente contra o método do reformatório; trabalhava em várias instituições de crianças e não só corroborou a péssima condição em que encontrei a escola de “Kroversky Prospect” como me levou a outras onde prevaleciam tais métodos.

Minha vizinha contou o que havia ocorrido com seus próprios filhos, um menino de três anos e uma menina de nove. Ambos foram colocados em uma colônia a mãe enviava mantimentos devido ao pouco que lá eles davam. Aos seis meses ambos adoeceram e teve que trazê-los a pequena habitação em que vivia. A menina foi atacada por terríveis erupções cutâneas, e o menino foi quase consumido. Ambos foram diagnosticados pela péssima alimentação.

Fiquei amiga dessa vizinha e me informei do estado das crianças, podendo ver que embora os bolcheviques faziam o que podiam pelas crianças, seus esforços eram derrotados pela parasita burocracia que eles mesmos tinham criado. Sobre tudo tinham a noção destrutiva de que até as crianças tinham que ser usadas para as propagandas. A escola “demonstrativa” resultava em uma influência diabólica especialmente com as crianças. Invadiam a mente das crianças com um sentido de injusto sentimento. E através dessas “demonstrativas” escolas eram usadas como propaganda no estrangeiro, as populações de crianças na Rússia eram abandonadas como são abandonados os filhos dos trabalhadores em todo o mundo. Os privilegiados recebem as vantagens onde quer que seja, e na Rússia não foi diferente.

Disse no princípio que havia me alarmado quando me informaram que se ilhavam as crianças como “ladrões e defectivos morais”, e acredito que esse proceder de se dá pela antiquada noção dos médicos cargo do hotel de Europe, mas um artigo no Pravda oficial e várias conversas que tenho tido com comunistas proeminentes entre os quais Máximo Gorky, Madame Lilina e outros me convenceu que todos eles acreditavam na “moral depravada inerente”.

Até alguns pedagogos proeminentes aconselharam a prisão para os “defectivos morais”, mas isso era muito para Lunacharsky. Comissário da Educação, Gorky e outros elementos mais progressistas a quem os bolcheviques obstinados qualificavam de sentimentalistas. Lunacharsky lutou contra a barbara proposição e afortunadamente teve exito, mas contudo, em Setembro de 1921, ainda havia 200 jovens, entre eles um menino de oito anos na prisão Taganka de Moscovo.

Estou segura de que nem Lunacharsky nem Gorky estavam cientes disso, e aqui se fecha o círculo vicioso que faz impossível dos cabeças saibam o que seus subordinados fazem. As crianças na prisão de Taganka foram descobertos pelos prisioneiros políticos que foram enviados a dita prisão; estes denunciaram o fato aos seus amigos em liberdade, os que notificaram a Lunacharsky e finalmente foram removidos da prisão.

Contudo, as escolas e colônias para os defectivos, não são melhores do que as prisões. Uma investigação intentada pela juventude comunista descobriu casos horripilantes nessas escolas em Petrogrado. O informe foi publicado no Pravda de Petrogrado, em Maio de 1920 e confirmada pelos cuidadores do reformatório e que dizia que o aumento de guardas se deu pelo uso das rações que seriam para as crianças e outros métodos de corrupção e ineficiência. Por exemplo, o comitê descobriu que na escola de 125 rapazes havia 138 guardas, em outra de 25 jovens com 38 guardas, e isso não eram exceções. O relatório ia além mostrando que os jovens estavam abandonados, vestidos de trapos sujos, dormiam no lixo e suas camas não tinham nenhuma roupa; muitas crianças era castigados fechando-os nos quartos escuros durante a noite, outros sem jantar e alguns que eram maltratados. Esse informe causou um grande frenesi nos oficiais.

Foi realizada uma investigação, assim como no EUA, não levava a nada e tudo era encoberto; a juventude comunista foi duramente advertida e que seu informe foi “exagerado”, que tal artigo não devia ser publicado e era uma propaganda de contrarrevolucionários, etc.

Discuti o assunto com alguns Comunistas, assombrada que tais coisas aconteciam na Rússia Comunista, e recebi as acostumadas respostas: “falta de subordinação e eficiência dos trabalhadores”. Me ofereci para trabalhar com os “defectivos morais” e me orientaram a ver a “camarada Lilina, a qual se deleitaria em me aceitar”.

Uns dias depois, recebi a visita da camarada Lilina, uma mulher frágil de feições duras, a típica Madame das escolas de New England de uns 50 anos atrás, ela me assegurou que estava intimamente familiarizada com os melhores métodos da pedagogia e fisiologia, ao que me atrevi a lhe dizer que não estava de acordo com as teoria antiquadas da moral depravada das crianças e que não existia educador moderno que acreditasse nelas; de que as crianças defectivas não deviam nem ser marcados como delinquentes. Expliquei os métodos modernos e dos experimentos feitos na América por Juez Lindsey e outros que tem repudiado a concepção moralística do pecador e do santo. “Ah, se tudo isso é muito bom para uma nação capitalista onde abunda mantimentos e as demais necessidades da vida, mas na Rússia faminta, “os defectivos morais” são o resultado inevitável de uma guerra larga e é necessário tomar precauções”.

Durante meus quatro meses de viagem pela Ucrânia, tive ampla oportunidade de visitar extraoficialmente as escolas infantis, internatos e colônias; e em todos os lugares encontrei a mesma condição: uma escola “demonstrativa” modelo com crianças bem nutridas e bem cuidadas, mas as demais instituições crianças famintas. Muitas vezes encontrei homens e mulheres lutavam com vigor contra a máquina burocrática, e defendiam sinceramente os interesses das crianças; mas tudo em vão, pois no fim eram eliminados pela poderosa máquina.

Vi isso acontecer em Moscou, um pouco antes de eu sair. Em certo distrito existe uma “creche” (escola) muito bem equipada e organizada, talvez a melhor que vi em toda Rússia. A Diretora era uma mulher pouco diferente, uma idealista e educadora de larga experiência, trabalhadora incansável. Se demonstrou fortemente contra o reformatório. Não tirava de Pedro para dar de comer a Juan, não tratava de subornar os oficiais de baixa patente do sub-departamento.

Como de costume se estabeleceu uma campanha contra ela, sendo o cabeça, o médico da instituição, um comunista. Foi acusada de tudo, sem nenhum fundamento. Mas a maquinaria não parou até expulsá-la, deixando-a sem habitação, com um filho de quatro meses. Isso ocorreu em Novembro, e o tempo estava excessivamente frio e úmido, contudo a mulher que lutou por uma creche melhor, era expulsa dela; não saiu enquanto não conseguisse um local para ficar e lhe deram um quarto

pequeno e escuro num sótão de edifício. Naquela tumba seu filho adoeceu e ainda sofre desde então. Saberá Lunacharsky desses casos? Não podemos que negar que alguns casos sim, mas se encontra demasiado ocupado com “assuntos” “importantes do Estado”, e não pode ocupar-se com semelhantes “pequenices”. Durante meu dois anos na Rússia visitei muitas instituições e encontrei poucas crianças felizes. Durante todo o tempo não tinha visto mais um sorriso de felicidade em um Arcanjo. Em outra ocasião poderei escrever sobre esta criança, mas em geral as crianças das instituições Bolcheviques, me causaram a impressão daqueles velhos, sem cor, que se encontram nos asilos de órfãos.

Fim do Tomo